



VIII SINPEL

Seminário Integrado de Pesquisas em Linguística

Anais do VIII Simpósio de Pesquisas em Linguística
De 10 a 12 de maio de 2017 – Florianópolis

Catálogo na fonte pela Biblioteca Universitária
da
Universidade Federal de Santa Catarina

S471a Seminário Integrado de Pesquisas em Linguística
(8. : 2017 : Florianópolis, SC).

Anais do VIII Simpósio de Pesquisas em
Linguística [recurso eletrônico] / Comissão
organizadora do evento: Charlott Eloize
Leviski...[et al.]. - Florianópolis : CCE/UFSC,
2017.

Evento realizado de 10 a 12 de maio de
2017.

Modo de acesso: <http://sinpel.ufsc.br/>

1. Linguística - Congressos. I. Leviski,
Charlott Eloize. II. Título.

CDU(1997): 81(063)

ANAIS DE RESUMOS

VIII SEMINÁRIO INTEGRADO DE PESQUISAS EM LINGUÍSTICA

Universidade Federal de Santa Catarina

Reitor:

Luiz Carlos Cancellier de Olivo

Vice-reitora:

Alacoque Lorenzini Erdmann

Centro de Comunicação e Expressão

Diretor:

Arnoldo Debatin Neto

Vice-diretora:

Silvana de Gaspari

Programa de Pós-Graduação em Linguística

Coordenador:

Marco Antônio Martins

Vice-coordenadora:

Cristine Görski Severo

Secretário:

Lucas Rovaris Cidade

Comissão organizadora do evento:

Charlott Eloize Leviski

Gabriela Rempel

Guilherme Mäder

Meirielle Tainara de Souza

Rafaela Miliorini Alves de Brito

Sara Farias da Silva

Valéria Cunha dos Santos

Vanessa Arlésia de Souza Ferretti Soares

Comissão científica do evento:

Alexandre Cohn da Silveira

Cecília Augusta Vieira Pinto

Charlene Bezerra dos Santos

Charlott Eloize Leviski

Daise Fabiana Ribeiro Pereira Carpes

Daniela Brito de Jesus

Daniele Miki Fujikawa Bózoli

Diná Souza da Silva

Gabriela Chirritte Granemann

Giuseppe Varaschin

Mariana Faustino dos Passos

Marina Casaril

Rafaela Miliorini Alves de Brito

Raquel Gomes Chaves

Sara Farias da Silva

Tayse Feliciano Marques

Valéria Cunha dos Santos

Editoração, diagramação e revisão:

Gabriela Rempel

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
PROGRAMAÇÃO	10
RESUMOS	15
GT 01 – LÍNGUAS DE SINAIS E ENSINO	16
Letras Libras/UFSC: variação de identidade surda	17
Marcadores conversacionais em Libras	18
Ensino-aprendizagem de inglês por surdos em grupo de leitura	19
Teste de compreensão e da produção em Libras por estudantes surdos nos anos finais do Ensino Fundamental: uma análise entre a educação bilíngue e a educação inclusiva	20
GT 02 – LINGUAGEM E SOCIEDADE	21
As questões de identidade na comunidade de prática de alunos surdos do Letras Libras da UFSC	22
A identidade linguística do manezinho da ilha: resultados prévios sobre a percepção linguística e a avaliação metalinguística dos informantes	23
A identidade linguística do manezinho da ilha: metodologia de um instrumento de coleta em construção	24
Em busca da percepção de traços de identidade a partir da aquisição da língua portuguesa por universitários alemães em intercâmbio na UFSC	25
Linguagem e identidade de guineenses em Florianópolis: aspectos teórico-metodológicos	26
Linguagem e identidade de guineenses em Florianópolis: resultados preliminares e possíveis desdobramentos de pesquisa	27
“The englishes in me”: investigando representações da língua inglesa, investimento e construção de identidade em narrativas de estudantes de inglês	28
A variação lexical entre “polaco” e “polonês” em uma comunidade de fala eslava de Irati ...	29
Fenômenos de variação linguística em Libras: um estudo de caso	31
Uso do gênero gramatical feminino em predicções: um traço identitário da comunidade homoafetiva	32
GT 03 – LINGUAGEM E POLÍTICA	33
Hibridização: violência ou resistência linguística?	34
Dilacerando as línguas angolanas: traços de neocolonização no mapeamento do censo geral da população e da habitação	35

Português e espanhol como línguas de integração no Mercosul: um olhar para a fronteira entre Misiones (Argentina) e Paraná (Brasil).....	36
A língua portuguesa como língua de herança na paisagem linguística de Framingham.....	37
O conceito de línguas pluricêntricas e o ensino de língua alemã: uma relação (im)possível?	38
GT 04 – LINGUAGEM E CÉREBRO.....	39
Os efeitos do priming sintático no processamento de sentenças: investigações sobre a neurocognição da sintaxe	40
Planejamento estratégico colaborativo e o seu impacto no desempenho de uma tarefa oral por estudantes de inglês	41
Leitura e alfabetização: o que aprendi aplicando testes de consciência fonêmica e de leitura	42
GT 05 – LINGUAGEM E USO NO ENSINO E EM OUTROS CONTEXTOS	43
A discursivização dos projetos de respostas nos manuais do professor de língua portuguesa: um estudo de livros didáticos do Ensino Médio.....	44
Pressuposições e a construção da autoria na produção textual: diálogos entre a semântica e a análise linguística.....	45
A negação em redações de vestibular como recurso persuasivo: uma análise polifônica pela perspectiva da Semântica Argumentativa	46
Avaliar para corrigir ou avaliar para avançar? Contrapontos da avaliação escolar	47
Análise crítica de gênero em jornais comunitários de Florianópolis.....	48
Leitura crítica e leitura da palavramundo: caminhos possíveis a partir da análise crítica de gênero	49
O uso de tradutores automáticos na sala de espanhol como língua estrangeira no contexto de ensino médio de um Instituto Federal de Educação Básica e Tecnológica	50
O Currículo de espanhol de Porto Rico: uma abordagem dialógica	51
Identities latinas no ensino do espanhol: um olhar para diferentes formações	52
Gênero discursivo e prática social: a construção de identidades no contexto de cumprimento de medidas socioeducativas por homens que praticaram atos de violência contra a mulher	53
GT 06 – LINGUAGEM E ANÁLISE LINGUÍSTICA	54
Nominalizações em infinitivo no português brasileiro.....	55
A sintaxe do sujeito nas construções com alternância sintática do português brasileiro.....	56
A orientação do modal deôntico poder significando permissão em diferentes construções: uma evidência dos deônticos ought-to-be	57

Estudo de preposições: uma interface entre Semântica Lexical e Cognitiva.....	58
Os clíticos e as construções com clitic dislocation em línguas neolatinas	59
O posicionamento dos clíticos em sentenças com perífrases verbais de modalidade no português brasileiro.....	60
Ideofones do changana na perspectiva da linguística cognitiva: uma análise baseada em semântica de frames.....	61
Clivadas e pseudo-clivadas: um panorama de análises em torno de sentenças de foco marcado	62
As preposições e seu papel na categorização de objetos: uma análise interlinguística português-espanhol	63
Prosódia da fala, prosódia visual e sintaxe do foco em Português Brasileiro – um estudo experimental.....	64
O masculino genérico sob uma perspectiva sócio-cognitiva	65
Declarativas ou exclamativas?: uma sondagem sobre contextos específicos no discurso de sergipanos.....	66
GT 07 – LINGUAGEM E FEMINISMOS	67
A voz esquecida: representação de mulheres no romance inédito de Jorge Amado e a invisibilidade das mulheres na literatura	68
Elas dizem: literatura e feminismos na escola.....	69
Depressões: a representação dos marginalizados. Uma abordagem não especista	70
Tríade autoral feminina em vasto mar de sargaços: feminismo, literatura e tradução como subversão.....	71
Movimentos feministas e direitos dos animais: diálogos possíveis.....	72
GT 08 – LINGUAGEM SOB OUTRAS PERSPECTIVAS	73
lyahric: descolonizando a language of the master	74
Conflitos irlandeses na poesia de yeats: representações do levante da páscoa em “Páscoa, 1916”	75
Análise da obra Skymap (1969) de Trisha Brown	76
O papel da tradutora em um romance pós-colonial: uma crítica de tradução de Hibisco Roxo	77
OFICINA 01	78
Introdução à Filosofia da Ciência.....	79
OFICINA 02	80
Vamos falar sobre o Québec?	81

OFICINA 03	83
Foco, concentração, (auto) confiança.....	84
OFICINA 04	85
“A arte de fazer bom uso de maus dados”: o tratamento do material histórico na pesquisa (socio)linguística	86
OFICINA 05	88
Teorias da confirmação e o “estilo galileano”: um percurso epistemológico pela teoria gerativa	89
OFICINA 06	90
Línguas bantu de Moçambique e o “convívio” com o português.....	91
OFICINA 07	92
O destino de mulheres lésbicas na ficção	93
.....	94
MESA-REDONDA 01	94
Linguagem e vida: olhares do “fazer linguística”	95
MESA-REDONDA 02	96
A produção textual na universidade: discussões teórico-práticas da escrita na, para e além da academia.....	97
Reflexões sobre a práxis na disciplina de Produção Textual Acadêmica (PTA).....	98

APRESENTAÇÃO

Apresentamos os Anais do VIII Seminário Integrado de Pesquisa em Linguística (SINPEL) com a sensação de dever cumprido, sobretudo diante dos percalços pelos quais passamos para que o evento se realizasse. O principal desafio para realização da oitava edição do Sinpel foi a alteração da data do evento, que, de 09, 10 e 11 de novembro de 2016, passou para 10, 11 e 12 de maio de 2017. Tal alteração se deu devido às Ocupações ocorridas no Centro de Comunicação e Expressão da UFSC – e em várias escolas e universidades pelo país – contra a PEC 241/55 e à reforma do Ensino Médio.

Naquela ocasião, houve uma negociação acerca da possibilidade de realizar o Sinpel dentro da Ocupação, mas, tendo em vista o clima político e os ataques ocorridos contra o movimento, a Comissão Organizadora do Sinpel resolveu adiar o evento, apoiando as Ocupações e reconhecendo, assim, sua legitimidade. Após a alteração de datas, embora tenhamos tido diversos problemas logísticos, recebemos manifestações positivas de muitos dos participantes e agradecemos a todos e a todas pela compreensão e pelo apoio, sobretudo pela manutenção dos trabalhos submetidos e das participações em mesas e oficinas, mesmo tendo que alterar suas agendas pessoais.

Ressaltamos também nosso agradecimento aos membros da Comissão Organizadora que trabalharam muito desde o início da organização do VIII Sinpel, mas que infelizmente não puderam estar conosco na organização até o final, mas que permaneceram na coordenação de GT e oficinas, contribuindo – e muito – para que o evento ocorresse. Foi com este apoio que o VIII SINPEL aconteceu e gostaríamos de agradecer a presença de todas e todos que tornaram isso possível.

Vivemos nos dias 10, 11 e 12 de maio de 2017 momentos de troca, de diálogo e de parceria acadêmica. Por isso, agradecemos a colaboração de todas as pessoas envolvidas direta ou indiretamente na organização e promoção do evento. Agradecemos também ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, representado pelo seu coordenador, professor Marco Antônio Martins, por todo o apoio que nos ofereceu; aos professores e professoras que se comprometeram com o evento nas mais variadas formas, em especial às/aos/ que participaram das mesas de discussão, que de maneira solícita

aceitaram nossos convites, a todas e todos, nosso muito obrigada/o. Agradecemos também às/aos estudantes do Programa e dos cursos de Graduação em Letras que participaram como monitores e sem as/os/ quais o evento não teria ocorrido; e também aos/às estudantes que participaram do VIII SINPEL, apresentando em GTs e coordenando oficinas, compondo mesa de discussão ou assistindo às e participando das discussões.

Agradecemos também às/aos intérpretes que de forma atenciosa e comprometida contribuíram para a participação da comunidade surda no evento, bem como à Coordenação de Libras. Em tempo, tornamos público nosso pedido de desculpas por qualquer inconveniente que possa ter sido causado por alguma falha na organização. Enquanto Comissão Organizadora, tentamos dar nosso melhor e pensar em cada detalhe, mas entendemos que poderíamos ter sido mais cuidadosos, especialmente no que se refere à interpretação português/Libras, por conta das limitações quanto à presença de intérpretes em algumas atividades. Aos poucos, vamos aprendendo (na prática, muitas vezes) mais sobre inclusão. Estamos longe de um cenário ideal, mas nos dispomos a continuar aprendendo para melhor acolher todas as e todos os participantes. Apesar dessas limitações, cremos que o evento, de maneira geral, tenha sido proveito aos que dele participaram.

Tendo sido organizado pelas/os pesquisadoras/es-discentes do Programa de Pós-Graduação em Linguística desta instituição, o VIII SINPEL teve por objetivo integrar as/os acadêmicas/os de mestrado e doutorado com as pesquisas em desenvolvimento no âmbito deste Programa, e também divulgar tais pesquisas à comunidade acadêmica externa, fomentando um diálogo construtivo com pesquisadoras/es de diferentes partes do país, que também participaram do evento.

Estes Anais reúnem 62 trabalhos que foram veiculados na forma de comunicação nos Grupos Temáticos, Oficinas e Mesas-redondas abrangendo as seguintes áreas:

1. Língua de Sinais e Ensino;
2. Sociolinguística;
3. Linguagem e Política;
4. Linguagem e Cérebro;

5. Linguística Aplicada
6. Linguagem e Análise Linguística
7. Linguagem e Feminismos
8. Linguagem sob outras perspectivas

Esperamos que este volume seja útil ao leitor e represente um panorama do conhecimento científico das variadas áreas e linhas de concentração contempladas pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSC.

Gabriela Rempel
Guilherme Mäder
Meirielle Tainara de Souza
Rafaela Miliorini Alves De Brito
Sara Farias da Silva
Valéria Cunha dos Santos
Vanessa Arlésia de Souza Ferretti Soares

Florianópolis, 27 de novembro de 2017.

PROGRAMAÇÃO

QUARTA-FEIRA (10/05)

8h30min – 10h30min Credenciamento matutino

09h Apresentação Comissão Organizadora

Local: Auditório Henrique Fontes

09h15min Mesa-redonda de abertura

Linguagem e vida: olhares do “fazer linguística” com Dra. Vanessa G. Nunes (UFS)

Local: Auditório Henrique Fontes

10h10min Intervenção Artística de Roberta Lira

Local: Auditório Henrique Fontes

10h30 Brunch de recepção

11h Grupos Temáticos

GT 03 - Linguagem e Política

Local: Sala 319 (CCE-B)

11h Oficinas

Oficina 1. Filosofia da Ciência organizado por Guilherme Mäder e convidados: Lauro M. Nunes Filho, Kherian G. C. Gracher, Félix F. Pinheiro e Raoni W. Arroyo

Local: Sala 321 (CCE-B)

Oficina 2. Vamos falar sobre o Québec? com Sara Farias da Silva

Local: Sala Drummond

12h30 Intervalo para almoço

13h30 – 14h30 Credenciamento

14h20 Continuação da Oficina I

Oficina 1 parte II. Filosofia da Ciência com Guilherme Mäder e convidados

Local: Sala Hassis

14h20 Grupos Temáticos

GT 01 - Línguas de sinais e ensino

Local: Sala 321 (CCE-B)

GT 02A - Linguagem e Sociedade

Local: Machado de Assis

GT 06A- Linguagem e Análise Linguística

Local: Sala Drummond

16h20 Intervalo

16h50 Retorno aos GTs

18h30 Encerramento

QUINTA-FEIRA (11/05)

8h30min – 9h45min Credenciamento matutino

09h30 Grupos Temáticos

GT 04 - Linguagem e cérebro

Local: CCE-B - 319

GT 05A - Linguagem e uso no ensino e em outros contextos

Local: Sala 321 (CCE-B)

GT 03 - Linguagem e Feminismos

Local: Sala Hassis

10h45min Intervalo

11h Retorno aos Grupos Temáticos

GT 05B - Linguagem e uso no ensino e em outros contextos

Local: Sala 321 (CCE-B)

GT 07 - Linguagem e Feminismos

Local: Sala Hassis

12h30min Intervalo para almoço

13h30min – 14h30min Credenciamento

14h20min Mesa redonda

Mesa 02 - Produção textual na universidade: discussões teórico-práticas da escrita na, para e além da academia com Vanessa Arlésia e convidados: Sandro Braga, Janaina Senem

Local: Auditório Henrique Fontes

16h20min Intervalo com *Coffee Break*

16h45min Roda de Conversa

Movimento estudantil e pós-graduação: sobre assédio, direitos e deveres dos discentes com Guilherme Mäder e Meirielle Tainara.

Aberto para o debate

Local: Auditório Henrique Fontes

18h30min Encerramento

SEXTA-FEIRA (12/11)

8h15min – 9h45min Credenciamento matutino

8h45min Grupos Temáticos

GT 02C - Linguagem e Sociedade

Local: Sala 319 (CCE-B)

GT 05C - Linguagem e uso no ensino e em outros contextos

Local: Henrique Fontes

GT 06C – Linguagem e Análise Linguística

Local: Sala 321 (CCE-B)

GT 08A – Linguagem e outras perspectivas

Local: Sala Drummond

09h Oficinas

09h - 12h Oficina 3. Foco, concentração e auto-confiança com prof Markus J. Weininger

Local: CFM sala 403

10h40min Intervalo

11h10min Retorno aos GTs

12h10min Intervalo para almoço

14h Oficinas

Oficina 4. “A arte de fazer bom uso de maus dados”: O tratamento do material histórico na pesquisa (socio)linguística com Christiane N. de Souza e Cecília Augusta Pinto

Local: Sala Drummond

Oficina 5. Teorias da confirmação e o “estilo galileano”: um percurso epistemológico pela teoria gerativa com Giuseppe Varaschin

Local: Sala Hassis

15h45min Intervalo

16h Mesa-Redonda

Mesa redonda 03 – A Filosofia da Linguagem em Wittgenstein com Lauro de Matos Nunes Filho, Jonathan Elizondo Orozco, Félix Flores Pinheiro

Local: Sala 321 (CCE-B)

16h Oficinas

Oficina 6. Línguas bantu de moçambique e o “convívio” com o português com Ezra Nhampoca

Local: Sala Drummond

Oficina 7. O destino de mulheres lésbicas na ficção com Ana Bazzo e Thalita Coelho

Local: Sala Hassis

18h Coffee break de encerramento

RESUMOS

GT 01 – LÍNGUAS DE SINAIS E ENSINO

LETRAS LIBRAS/UFSC: VARIAÇÃO DE IDENTIDADE SURDA

Daniele Miki Fujikawa Bózoli (UFSC)
Daltró Roque Carvalho da Silva Junior (UFSC)
Francinei Rocha Costa (UFSC)

Resumo: O presente trabalho teve como objetivo captar variação de identidade surda antes e após o ingresso de acadêmicos no curso de Letras/Libras, da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. O curso de Letras Libras foi implantado a partir de 2006 por meio de ações diretas do Ministério da Educação em decorrência do Decreto nº 5.626/2005. O mesmo decreto regulamenta a Lei nº 10.436/2002 reconhecendo Libras (Língua Brasileira de Sinais) enquanto língua oficial da comunidade surda brasileira. Há muitas coisas em comum em relação à surdez e ao uso da Libras, destacando principalmente as identidades surdas. Elas são bastante complexas e diversificadas. Para melhor investigação acerca de identidades surdas, foram recolhidos pares surdos para entrevistas em língua de sinais. Cogitava-se como hipótese mudanças de identidades antes e após o ingresso dos acadêmicos na referida universidade, em razão do curso de Letras Libras ser uma das comunidades surdas que colabora a melhor formação de identidades surdas, no sentido de compartilhar a língua, valores culturais e hábitos, socializando aprendizagens e adquirindo fluência. Com os resultados obtidos, pode-se observar a importância de os surdos estarem em contato com seus pares linguísticos, de forma que todos conseguiram se encontrar enquanto sujeito, se satisfazer e adquirir uma ou mais identidades surdas no encontro com outros surdos e no ingresso ao curso de Letras Libras.

Palavras-Chave: Letras Libras; Língua Brasileira de Sinais; identidade surda; variação linguística.

MARCADORES CONVERSACIONAIS EM LIBRAS

Lídia da Silva (UFPR)

Thayse Goulart (UFPR)

Resumo: O texto falado é muito corrente na prática social e, portanto, torna-se espaço privilegiado para estudo da língua em contexto. Ocorre que, Marcuschi (2006) aponta que há poucas pesquisas em relação ao texto falado na língua portuguesa e se é assim com uma língua oral o que dizer então de uma língua sinalizada cujos estudos linguísticos são ainda mais recentes e escassos? Este artigo pretende, então, fazer uma contribuição no sentido de reverter esse quadro em relação à Língua Brasileira de Sinais – Libras e para tanto delimitamos nosso objeto nos marcadores conversacionais. Marcuschi (2006) mostra que os marcadores conversacionais são expressões utilizadas de acordo com algumas regras linguísticas e tendo por base essa premissa, aplicaremos as concepções teóricas aos dados da Libras a fim de apresentar a descrição desses elementos. Além da descrição, nosso objetivo é analisar as classes de marcadores, os tipos, as funções e as posições que aparecem durante uma narrativa contada por graduandos, surdos e ouvintes, do curso de licenciatura em Letras Libras. Optamos pela narrativa, uma vez que este gênero minimiza a interferência de outros elementos como a troca de turnos característicos da interação e também porque entendemos que os marcadores servem para estabelecer coesão entre as informações não somente durante a conversação mais em diversas manifestações do texto falado, como o contar uma história. Para atingir tal objetivo, procedemos com a transcrição rigorosa dos dados de modo que pudemos categoriza-los em relação à primeira e em relação a segunda língua.

Palavras-chave: Marcadores conversacionais; Libras; graduandos do Letras Libras.

ENSINO-APRENDIZAGEM DE INGLÊS POR SURDOS EM GRUPO DE LEITURA

Stephanie C. A. Vasconcelos (UFSC)

Resumo: O objetivo principal deste trabalho é observar o processo de letramento em inglês de alunos surdos da pós-graduação no contexto de grupo de leitura por meio do romance gráfico. Como objetivos específicos, pretende-se: a) observar de quais estratégias o leitor falante de Libras utiliza-se para compreensão dos enunciados e b) estudar como texto (imagem) e texto (escrito) ressignificam-se segundo esse leitor no processo de leitura. Tendo em vista que os estudantes da pós-graduação, deparam-se naturalmente com a demanda da leitura de textos em língua inglesa, o aluno surdo, de acordo com o regimento de 2011 do PPGLg da UFSC, deve comprovar essa proficiência no Doutorado. Pensando nisso, além dos cursos de língua, quais contextos poderiam oferecer acesso às práticas de letramento? A escolha do grupo de leitura como espaço de interação pode proporcionar maior participação desses leitores e possibilitar observar seus conhecimentos e desafios na língua inglesa e nas outras mediadoras desse processo de ensino-aprendizagem de língua adicional (SCHLATTER, M.; GARCEZ, P. M, 2012). Para tal, estudos sobre leitura da perspectiva do letramento (KLEIMAN, 2015), gêneros (BAKHTIN, 2006; BONINI, 2010) e ensino de língua adicional (BRITTO, 2007) tecerão as bases teóricas para essa pesquisa qualitativa, interpretativista, de cunho etnográfico (MOITA LOPES, 1994). Com a leitura do romance gráfico, procura-se observar se esse tipo de gênero, composto de enunciados que reúnem texto (escrito) e texto (imagem), pode contribuir para o letramento do surdo. Visto que o surdo é um sujeito constituído pela experiência visual (SKLIAR, 1998, 1999; SKLIAR & QUADROS, 2000), esse estudo deseja entender como esse gênero alinha-se a esse fator subjetivo e identitário no letramento em inglês.

Palavras-chave: Letramentos; ensino-aprendizagem de língua adicional; educação de surdos; gêneros textuais e discursivos.

TESTE DE COMPREENSÃO E DA PRODUÇÃO EM LIBRAS POR ESTUDANTES SURDOS NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: UMA ANÁLISE ENTRE A EDUCAÇÃO BILÍNGUE E A EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Luiz Antônio Zancanaro Junior (UFSC)

Resumo: Este trabalho expõe a falta de instrumentos de avaliação para se observar as competências linguísticas importantes no desenvolvimento da educação de surdos. A referente pesquisa de doutorado é aplicada a estudantes surdos do ensino fundamental observando habilidades da Língua de Sinais, coerência ao uso do vocabulário de sinais para compreender o significado e valor linguístico no contexto em Libras. O teste aplicado teve por objetivo avaliar o desempenho de alunos surdos do ensino fundamental, com idade entre 10 e 15 anos, de turmas bilíngues e de turmas de educação inclusiva em relação ao desenvolvimento linguístico com foco na compreensão e produção em Libras. O teste é constituído de quatro itens de teste de demonstração, trinta itens do teste de avaliação da compreensão na primeira fase, cinco itens do teste de avaliação na segunda fase e um item de teste de avaliação da produção. Na primeira fase do teste, os alunos foram convidados a assistir um vídeo em Libras que continha sinais com alguma alteração nos parâmetros fonológicos, onde o intuito era de avaliar o processo de compreensão das sentenças, leitura dos sinais e significado do contexto. Com os resultados parciais obtidos, é possível observar um desempenho significativo dos alunos da educação bilíngue, que atingiu maior índice de compreensão, sendo que se percebeu que estes compartilham a mesma língua e cultura com os demais colegas e profissionais da escola bilíngue diferente do que ocorre na escola inclusiva.

Palavras-chave: Libras; fonologia; teste.

GT 02 – LINGUAGEM E
SOCIEDADE

AS QUESTÕES DE IDENTIDADE NA COMUNIDADE DE PRÁTICA DE ALUNOS SURDOS DO LETRAS LIBRAS DA UFSC

Daiana do Amaral Jeremias (UFSC)

Diná Souza da Silva (UFSC)

Resumo: Este trabalho objetiva analisar traços identitários da comunidade surda do Curso de Letras Libras da UFSC a partir de análises das narrativas dos alunos deste curso, observando possíveis variações metalinguísticas e analíticas, que marcam as identidades próprias, e outras que identificam a comunidade. Como objetivos específicos buscamos depreender e contextualizar os relatos destes alunos dentro de uma perspectiva sociolinguística, focada nos estudos de terceira onda de Eckert (2012). Seguindo pressupostos da autora, os entrevistados fazem parte daquilo que Eckert (1996) denomina de comunidade de prática, ou seja, são indivíduos que compartilham os mesmos objetivos, as mesmas crenças e os mesmos valores em relação à língua e cultura a qual estão estudando e pesquisando, a saber, a língua de sinais brasileira e neste contexto, a Libras acadêmica. Para tanto, foram realizadas entrevistas sociolinguísticas, as quais, posteriormente, analisamos possíveis traços de identidade, a partir de atitudes sociais frente às variantes locais adotadas. Como direcionamento de pesquisa e análise, estabelecemos o enquadramento de categorias, buscamos identificar como os alunos, em suas experiências narradas, constroem significados sociais a partir da adoção de uma variante local do grupo e, como os mesmos incorporam essa nova forma linguística que permite a constituição e construção de suas novas identidades. Em outras palavras, como a adoção de uma variante possibilita a incorporação de ideologia na língua e novas atitudes sociais na comunidade.

Palavras-chave: Letras Libras; identidade; comunidade de prática.

A IDENTIDADE LINGUÍSTICA DO MANEZINHO DA ILHA: RESULTADOS PRÉVIOS SOBRE A PERCEPÇÃO LINGUÍSTICA E A AVALIAÇÃO METALINGUÍSTICA DOS INFORMANTES

Ana Cláudia Fabre Eltermann (UFSC)
Érica Marciano de Oliveira Zibetti (UFSC)

Resumo: Este trabalho busca apresentar os resultados dos testes sobre a percepção linguística e a avaliação metalinguística de três informantes nativos da Ilha de Santa Catarina (trabalhadores de um restaurante localizado no bairro da Barra da Lagoa), que foram entrevistados com o propósito de testar um instrumento de coleta de dados elaborado na disciplina de Sociolinguística e Dialetoлогия, da Pós-Graduação em Linguística da UFSC (2016.1). Esses testes foram relacionados a um fenômeno típico do maneizês, a realização das oclusivas alveolares diante de /i/ (como em tia e dia), com as seguintes variantes: i) não africada [t, d]; ii) africada não palatal [ts, dz]; e iii) africada palatal [tʃ, dʒ]. A hipótese levantada foi a de que as inferências realizadas pelos entrevistados sobre cada variante em estudo mostrariam o grau de identificação do informante com sua fala, bem como seu grau de identificação com a comunidade na qual está inserido. Para tanto, seguimos a Teoria da Variação e Mudança (cf. WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]; LABOV, 2008 [1972]), no que toca o problema empírico da avaliação: um aspecto essencial que conduz o pesquisador a uma explicação da mudança linguística, considerando o papel sistemático que a variação social tem nesse processo. De modo geral, os resultados sobre a percepção linguística mostraram que a identidade do maneizinho se relaciona com a realização das oclusivas alveolares diante de /i/, principalmente nas formas não africada e africada não palatal. No que se refere à avaliação metalinguística, os resultados apontaram para o fato de que, para esses informantes, a variante fonológica *africada palatal* [tʃ, dʒ] é a que menos identifica o falar maneizês.

Palavras-chave: Sociolinguística; identidade linguística; problema da avaliação; testes de percepção e de avaliação metalinguística; oclusivas alveolares diante de /i/.

A IDENTIDADE LINGUÍSTICA DO MANEZINHO DA ILHA: METODOLOGIA DE UM INSTRUMENTO DE COLETA EM CONSTRUÇÃO

Cecília Augusta Vieira Pinto (UFSC)
Gésyka Mafra Silva (UFSC)

Resumo: Com o presente trabalho, pretende-se apresentar a metodologia utilizada em um instrumento de coleta que busca captar o grau de pertencimento à comunidade e a identidade linguística de informantes nativos da Ilha de Santa Catarina. O instrumento foi elaborado na disciplina de Sociolinguística e Dialetoлогия, da Pós-Graduação em Linguística da UFSC (2016.1), e aplicado a três indivíduos (uma mulher, de 36 anos; e dois homens, um de 27 e outro de 39 anos) que trabalham em um mesmo ambiente, neste caso, um restaurante localizado no bairro da Barra da Lagoa. Tal instrumento de coleta foi organizado em quatro etapas: 1ª) uma conversa guiada por perguntas referentes ao local de trabalho e ao bairro, a fim de captar a identificação desses indivíduos com o restaurante e com a comunidade da Barra da Lagoa; 2ª) teste de percepção linguística dos informantes com perguntas sobre três áudios com variantes típicas do falar manezês: a realização das oclusivas alveolares diante de /i/ (como em tia e dia), com as seguintes variantes: i) não africada [t, d]; ii) africada não palatal [ts, dz]; e iii) africada palatal [tʃ, dʒ]; 3ª) perguntas sobre o modo de ser e o modo de falar “manezinho da ilha”; e 4ª) perguntas diretas sobre cada variante do fenômeno testados na 2ª etapa. Para tanto, buscamos trabalhar na perspectiva da comunidade de prática (cf. ECKERT, 1996), e seguimos a Teoria da Variação e Mudança (cf. WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]; LABOV, 2008 [1972]), no que toca o problema empírico da avaliação: um aspecto essencial que conduz o pesquisador a uma explicação da mudança linguística, considerando o papel sistemático que a variação social tem nesse processo.

Palavras-chave: Sociolinguística; identidade linguística; problema da avaliação; testes de percepção e de avaliação metalinguística; oclusivas alveolares diante de /i/.

EM BUSCA DA PERCEPÇÃO DE TRAÇOS DE IDENTIDADE A PARTIR DA AQUISIÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA POR UNIVERSITÁRIOS ALEMÃES EM INTERCÂMBIO NA UFSC

Grazielle Helena Scheidt (UFSC)

Juliana Regina da Silva (UFSC)

Resumo: O objetivo deste trabalho é discutir metodologias de coletas de dados sociolinguísticos, motivados, principalmente, pelo fato de que alguns pesquisadores da área têm procurado controlar aspectos como estilo e identidade nas entrevistas sociolinguísticas. Pretendeu-se construir um instrumento de coleta piloto a ser aplicado como teste para buscar traços de identidade em alemães que estudam na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). A hipótese inicial era a de que os informantes selecionados poderiam constituir uma comunidade de prática como concebida por Eckert e Mc-Connell-Ginet (2010). Para verificá-la, e também observar outros aspectos, elaborou-se um experimento organizado com as seguintes etapas: (i) escolha dos informantes; (ii) criação do instrumento de coleta; (iii) aplicação do instrumento; (iv) análise das entrevistas. As entrevistas, de modo geral, foram bem sucedidas, e a análise qualitativa mostrou que os informantes selecionados não constituem uma comunidade de prática. Assim, a hipótese inicial não se confirmou, mas pode-se dizer que o instrumento elaborado permitiu, mesmo com a reduzida amostra, a observação não só de fenômenos linguísticos, mas também de traços de identidade. Além disso, a assimetria entre o que foi planejado metodologicamente e o que ocorreu na prática trazem questionamentos que podem contribuir para as discussões acerca de metodologias de coletas de dados sociolinguísticos.

Palavras-chave: Identidade; metodologia; sociolinguística.

LINGUAGEM E IDENTIDADE DE GUINEENSES EM FLORIANÓPOLIS: ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Ana Cláudia Vicente Demétrio (UFSC)

Luciano de Oliveira (UFSC)

Resumo: Esta comunicação visa apresentar aspectos teórico-metodológicos de uma experiência de atividade prática desenvolvida para a Disciplina de Sociolinguística e Dialetoлогия do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina no primeiro semestre de 2016. A atividade constituiu-se na elaboração e aplicação de um instrumento de coleta de dados sociolinguísticos capaz de captar questões relacionadas à identidade a partir de uma abordagem de comunidade de prática. Decidiu-se realizar entrevistas sociolinguísticas com guineenses que estudam em instituições de ensino superior em Florianópolis. Apesar de se partir do princípio de que esses sujeitos integram uma comunidade de prática, essa hipótese teria que ser confirmada pelo instrumento. Entendeu-se, então, que não bastaria um formulário com questões objetivas ou mesmo questões abertas que estimulasse o uso menos monitorado da fala dos entrevistados. Era preciso, efetivamente, um instrumento que pudesse revelar um pouco de quem são, como vivem, o que pensam e sentem esses sujeitos. Decidiu-se, assim, organizar um instrumento de coleta semiestruturado em cinco partes: introdução; dados sociodemográficos; pertencimento; dados (meta)linguísticos; conclusão. Articulada ao questionário, foi aplicada uma ficha social, visando coletar dados “não opinativos”, como idade, escolaridade, procedência etc. As gravações das entrevistas (três ao todo), deram-se em áudio MP3 em locais em que os entrevistados pudessem se sentir à vontade, com a presença de não mais que dois entrevistadores. A experiência revelou a necessidade de se realizar um processo de testagem prévia, a fim de se avaliar os procedimentos de entrada a campo e a consistência dos instrumentos elaborados.

Palavras-chave: Sociolinguística; metodologia; entrevista; coleta de dados; identidade.

LINGUAGEM E IDENTIDADE DE GUINEENSES EM FLORIANÓPOLIS: RESULTADOS PRELIMINARES E POSSÍVEIS DESDOBRAMENTOS DE PESQUISA

Clóvis Alencar Butzge (UFSC)
Cristian Edevaldo Goulart (UFSC)

Resumo: O trabalho intitulado “Linguagem e Identidade de Guineenses em Florianópolis” se constituiu em uma experiência prática desenvolvida na Disciplina de Sociolinguística e Dialectologia do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina no primeiro semestre de 2016. Esta comunicação visa apresentar alguns resultados preliminares dessa experiência, especialmente focando as fragilidades e potencialidades dos instrumentos de coleta de dados sociolinguísticos desenvolvidos, e ainda sinalizar alguns desdobramentos de pesquisa possíveis a partir dos dados coletados junto aos estudantes guineenses entrevistados. A atividade prática possibilitou uma visão global do processo de entrevista sociolinguística, pois exigiu delimitar uma comunidade de fala ou de prática, avaliar os aspectos importantes a serem investigados, definir e contatar sujeitos, entrevistá-los, transcrever e interpretar o que se coletou. O instrumento de coleta de dados gerou entrevistas bastante densas, que podem dar uma boa dimensão sociodemográfica, identitária e linguística dos guineenses, além de poder estar na base de pesquisas sociolinguísticas de caráter mais específico, tanto de identidade sociocultural quanto de língua em uso de comunidades de prática. Os dados coletados revelam, por exemplo, um processo de descentramento identitário dos entrevistados resultante da confrontação entre sua vinculação identitária ao país natal e a vida no Brasil, assim como uma relação não tranquila quanto ao uso da língua portuguesa e sua(s) língua(s) materna(s). Quanto à língua em uso dos entrevistados, se verificou alguns aspectos que podem se desdobrar em novas pesquisas, como o uso de “tu” e “você”, concordância nominal, uso de “a gente”, marcadores discursivos e expressões lexicais usadas para se referir aos guineenses e aos negros em geral.

Palavras-chave: Sociolinguística; comunidade de prática; Guiné-Bissau; identidade; língua em uso.

“THE ENGLISHES IN ME”: INVESTIGANDO REPRESENTAÇÕES DA LÍNGUA INGLESA, INVESTIMENTO E CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE EM NARRATIVAS DE ESTUDANTES DE INGLÊS

Paula Eduarda Michels (UFSC)

Resumo: A pesquisa em andamento pretende investigar as representações de um grupo de estudantes ingressantes no curso de Letras – Inglês da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) acerca da língua inglesa, seus investimentos em aprender a língua, e a influência da mesma na construção da identidade destes estudantes. A pesquisa, em fase inicial, está pautada em discussões teóricas sobre linguagem, cultura, construção de identidades socioculturais, investimento no aprendizado de línguas (NORTON, 2000), *status* da língua inglesa, globalização e interculturalidade. Alinha-se a esta investigação uma visão de aprendizado de inglês como língua adicional, a qual pressupõe que ela não deve ser apresentada como a língua do outro, do estrangeiro, mas como uma língua a ser incluída no repertório linguístico do aprendiz (SARACENI, 2009). O método da pesquisa orienta-se por uma abordagem qualitativa interpretativa, com base na investigação narrativa (RIESSMAN, 2008). Os dados serão coletados por meio de entrevistas individuais semiestruturadas, e, a partir da gravação e da transcrição das entrevistas. As narrativas dos estudantes serão analisadas por temas, buscando caracterizar o investimento dos participantes no aprendizado do inglês; a construção de suas comunidades reais e imaginadas; e suas representações sobre língua e cultura a partir de suas experiências pessoais. O estudo pode contribuir para o entendimento das construções socioculturais de aprendizes de inglês que estão no caminho de se tornar professores ou profissionais da língua. Também pode ter relevância para professores que desejam entender e incorporar as experiências pessoais de seus estudantes em sala de aula e em seus currículos. A investigação busca, ainda, despertar consciência para a heterogeneidade do uso do inglês ao redor do mundo e para os aspectos interculturais do aprendizado de línguas.

A VARIAÇÃO LEXICAL ENTRE “POLACO” E “POLONÊS” EM UMA COMUNIDADE DE FALA ESLAVA DE IRATI

Ivelã Pereira (UFSC/UNICENTRO)

Fernanda Lima Jardim (UFSC)

Resumo: O tema deste estudo é a variação lexical entre os vocábulos “polonês” e “polaco” dentro de uma comunidade de fala eslava (descendentes de poloneses e ucranianos) de Irati, com o objetivo geral de mapear o uso dos informantes em relação às duas variantes analisadas, levando-se em conta as diferenças de significado identitário e cultural contidas nesses termos. Como arcabouço teórico inicial, baseamo-nos em Labov (1966, 1972), Weinreich, Labov e Herzog (1968), Labov et al. (2006), Silverstein (2003), Freitag et al. (2008), Silva e Aguilera (2014), Cardoso (2014) e outros. A metodologia de pesquisa é quantitativa e qualitativa, considerando-se 24 entrevistas sociolinguísticas do banco VARLINFE (Unicentro, *campus* de Irati). As variáveis sociais (independentes externas) são ‘etnia’, ‘sexo’, ‘escolaridade’ e ‘idade’; enquanto as internas (linguísticas) se constituem em ‘animacidade do referente’, ‘gênero gramatical’, ‘(não) humanidade do referente’, ‘tipo de discurso (direto ou indireto)’, ‘etnia do proferente do termo’, ‘tipo de relação de tratamento (simétrica e assimétrica)’. Com base em pesquisas anteriores e na análise de entrevistas com foco no caráter identitário, feitas para um banco anexo ao VARLINFE (BIP – Banco Identitário Polonês), a hipótese é de que a variante “polaco” seria, de modo geral, mal avaliada e pouco utilizada pelos polono-brasileiros, sendo mais usada por falantes de outras etnias como um modo de manifestar desprestígio social. Além dos aspectos quantitativos, será dada uma visão qualitativa aos dados, observando também os comentários dos informantes a respeito do próprio uso (e o de outros sujeitos) quanto aos termos “polaco” e “polonês”.

Palavras-chave: Sociolinguística; comunidade de fala; variação lexical; polonês; polaco.

UMA PROPOSTA PARA A CONSTRUÇÃO DE CAMPOS INDEXICAIS DE VARIÁVEIS MORFOSSINTÁTICAS

Christiane Maria Nunes de Souza (UFSC)

Resumo: Neste trabalho, apresenta-se uma proposta para a elaboração de campos indexicais de duas variáveis linguísticas, “expressão pronominal de segunda pessoa do singular” (*tu~você*) e “concordância verbal com o pronome *tu*” (*tu fala~tu falas, tu falaste~tu falasse~tu falou*), considerando-se o português falado na cidade de Florianópolis, Santa Catarina. Tal proposta se enquadra teórica e metodologicamente no que Eckert (2012) denomina *estudos variacionistas de terceira onda* – pesquisas desenvolvidas sob o escopo da Sociolinguística Variacionista voltadas à questões como variação estilística, atitude e avaliação, identidade, e agentividade do indivíduo sobre escolhas linguísticas, tendo como preocupação central a investigação do significado social das formas variantes. Campos indexicais são instrumentos que se constituem tanto como um artefato metodológico quanto como um meio de apresentação de resultados, e são fundamentados na ideia de que variáveis linguísticas dependentes – nos termos de Weinreich et al. (2006 [1968]), alargados posteriormente no embate Labov-Lavandera, na década de 1970 – vinculam mais do que o “pertencimento” dos informantes a macrocategorias sociológicas ditas *clássicas* (sexo/gênero, faixa etária, escolaridade – no Brasil – e classe social – nos Estados Unidos), indexicalizando identidade(s), que podem ser mais ou menos estáveis. Esses instrumentos, em sua versão mais atual, foram propostos por Eckert (2008) e, no Brasil, aplicados por Oushiro (2014), que analisou a realização de cinco variáveis fonético-fonológicas no português paulistano. O desafio de se aplicarem tais instrumentos a variáveis morfossintáticas esbarra em uma etapa metodológica em que são aplicados testes de estímulos pareados (*matched guise tests*), nos quais os estímulos linguísticos oferecidos aos sujeitos da pesquisa diferem apenas por um par mínimo; no caso de variáveis morfossintáticas, não há a possibilidade de diferenciação entre os estímulos restrita a apenas um som/fone. Neste trabalho, propõem-se opções para a construção de campos indexicais de variáveis morfossintáticas, levando-se em conta, sobretudo, esse obstáculo metodológico.

Palavras-chave: Campos indexicais; variáveis morfossintáticas; segunda pessoa do singular; concordância verbal; Florianópolis.

FENÔMENOS DE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM LIBRAS: UM ESTUDO DE CASO

Francinei Rocha Costa (UFSC)

Resumo: Objetivos: este trabalho apresenta os resultados de um estudo de variação sociolinguística em lexicais da Língua Brasileira de Sinais, analisando os fenômenos de variações linguísticas através de conceitos utilizados pelos professores de universidades e institutos federais. Busca-se refletir sobre as variações, que fazem parte do repertório linguístico da comunidade surda há mais tempo e as contemporâneas ou inovadoras, as quais mostram uma variação grande apresentada no estudo linguístico da Língua de Sinais. Teórico-metodológico: apresenta-se uma metodologia de coleta de dados através de entrevistas com 20 professores surdos, estabelecendo um *corpus* de prática, que possibilitou investigar os sinais usados nestes espaços, bem como as semelhanças e diferenças na produção do sinal e se os mesmos estão registrados em dicionários de Língua de Sinais. Em realidades diferentes foram selecionados três itens lexicais (ensino, pesquisa, extensão) e seus respectivos significados. Hipóteses: a) todos os entrevistados sabem responder sobre o significado dos conceitos sendo que as respostas convergem, ou seja, todos compreendem e trabalham com esses três pilares, os quais orientam o “fazer” em suas universidades ou institutos; b) os léxicos (ensino e pesquisa) mostram igualdade ou semelhanças na produção do sinal; c) O léxico (extensão) mostra uma enorme variação linguística na produção do Sinal. Considerações: aos léxicos em sinais (ensino, pesquisa) foram encontrados registros nos dicionários, porém o léxico (extensão) não foi encontrado registros científicos. Pode-se concluir então que este é um dos fatores da grande variação linguística evidenciada no estudo. Percebe-se também que um dos fatores é a recente participação dos surdos como docentes no contexto de universidades e institutos, e que, portanto, antes de serem professores poucos tiveram contato com esses três pilares.

Palavras-chave: Língua Brasileira de Sinais; variação; mudança sociolinguística.

USO DO GÊNERO GRAMATICAL FEMININO EM PREDICAÇÕES: UM TRAÇO IDENTITÁRIO DA COMUNIDADE HOMOAFETIVA

Wenderson Phelipe da Silva Santana (UFSC)

Resumo: Apresentam-se, neste trabalho, os resultados de uma pesquisa realizada para a disciplina de Sociolinguística e Dialetoлогия do Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina. A investigação, que analisou a relação entre linguagem e constituição identitária, teve como fenômeno-objeto o uso do gênero gramatical feminino em predicções observado a fala de indivíduos homoafetivos do sexo masculino e sua variante concorrente, ou seja, a concordância de gênero com o masculino (exemplos: estou cansada *versus* estou cansado). A pesquisa teve como *corpus* um grupo de seis estudantes *gays* vinculados à graduação ou à pós-graduação de cursos da área de Letras que ocorrem no Centro de Comunicação e Expressão (CCE) da UFSC, naturais de diferentes regiões do Brasil. O instrumento de coleta de dados dividiu-se em duas partes principais: uma relativa à entrevista que se deu em blocos temáticos como política, educação e vida pessoal, e outra relativa ao teste de percepção formulado com perguntas diretas acerca do fenômeno. Foram gravadas entrevistas individuais com os seis informantes e a análise posterior dos dados revelou que a ocorrência do fenômeno em estudo está presente, em diferentes níveis de frequência, na fala de todos eles e é condicionada a determinados fatores extralinguísticos – como o grau de proximidade com o interlocutor e o grau de formalidade da situação – que também foram objeto de discussão neste trabalho.

Palavras-chave: Sociolinguística; predicação; gênero gramatical; comunidade gay.

GT 03 – LINGUAGEM E
POLÍTICA

HIBRIDIZAÇÃO: VIOLÊNCIA OU RESISTÊNCIA LINGUÍSTICA?

Heloísa Tramontim de Oliveira (UFSC)

Resumo: A língua portuguesa utilizada em Angola, que estudos denominam de português híbrido, língua crioula ou língua sincrética, veio hoje em dia a ser o Português Angolano, o qual ainda não está normatizado. A noção de hibridização, por sua vez, geralmente vincula-se ao discurso de resistência. Contudo, há de se ter certo cuidado em relação aos discursos referentes à línguas hibridizadas, porque não é unicamente sobre a língua que algo está sendo discursivizado, mas sobre as pessoas que falam as línguas. Para compreender a noção de hibridização é preciso considerar os jogos coloniais de poder. Nos séculos XVI e XVII, colonizadores espanhóis, portugueses e holandeses puseram em prática o conceito “nós-eles” ou “Outro-outro”. Para garantir a coesão do “Outro” diante das vicissitudes do mundo moderno, o colonizador criou mecanismos de alienação do dito indígena, entre eles a submissão de suas línguas e a apologia às línguas coloniais. Entre os discursos de categorização de línguas se encontravam, evidentemente, discursos de classificação de pessoas. Nesta perspectiva, a interação e a troca entre o “Outro” e a Europa pode ser analisada em termos de hibridização. Sob o ponto de vista linguístico, de acordo com Makoni et al (2012), a hibridização é vista de forma unilateralizada, já que somente conta para como os africanos combinaram suas práticas sociais e linguísticas com outras dos europeus e, em termo de língua, produziram variedades africanizadas de língua portuguesa. Não são levadas em conta, em contrapartida, variedades europeizadas de línguas africanas que são produzidas por europeus. Por outro lado, Édouard Glissant (2001) assinala as mudanças da língua como uma forma de resistência presente na hibridização da língua, na possibilidade de ser “multilíngue” dentro da própria língua. Por fim, menosprezar outras línguas impedindo que os sujeitos as falem da maneira que falem consiste num ato de violência linguística, pois o peso conferido à escolha de uma dada língua dá-se pelo fato de que cada língua carrega um valor simbólico.

Palavras-chave: Angola; hibridização; multilinguismo; violência linguística; resistência linguística.

DILACERANDO AS LÍNGUAS ANGOLANAS: TRAÇOS DE NEOCOLONIZAÇÃO NO MAPEAMENTO DO CENSO GERAL DA POPULAÇÃO E DA HABITAÇÃO

Ezequiel Pedro José Bernardo (UFSC)

Resumo: O multilinguismo resultante da diversidade cultural criou um mosaico comunicativo complexo. Este mosaico coabita com o processo de colonização que de forma direta ou indireta afetou a forma de pensar e viver dos povos, impôs modelos políticos de grandes notabilidades que, por vezes, impedem o progresso das línguas locais/nacional, das culturas e da identidade. Por essa razão, o Estado deveria criar políticas que permitissem uma maior atenção para as questões das línguas, uma vez que estas constituem as práticas sociais de um povo. Assim, o presente artigo procura avaliar o contributo do censo geral da população e da habitação de Angola (2014) na preservação e compreensão do estado das línguas nacionais, buscando entender até que ponto o censo ajudou ou não na compreensão do estado dessas línguas na realidade angolana, bem como refletir sobre a construção de um modelo de políticas linguísticas que considere a diversidade linguística que caracteriza o país. As políticas eurocentristas impuseram suas ideologias, culturas, forma de pensar o mundo, que são até hoje adoptadas por Angola. Assim sendo, problematiza-se o uso do modelo de censo oriundo do contexto europeu para a realidade em questão, uma vez que o censo não reflete a realidade/contexto em causa, deixando escapar elementos que nos permitem compreender a complexidade efetiva das práticas multilingues do contexto angolano, em que as ideias de línguas como unidades separadas e contáveis podem ser questionadas. Assim, este trabalho focará duas orientações: (i) análise das categorias usadas pelo censo de Angola sobre as línguas, bem como seus resultados; (ii) análise da dinâmica linguística de forma mais complexa e interligada, que extrapola as categorias abstratas e estáticas do censo.

Palavras-Chave: Censo populacional; neocolonização; dilaceração; línguas angolanas.

PORTUGUÊS E ESPANHOL COMO LÍNGUAS DE INTEGRAÇÃO NO MERCOSUL: UM OLHAR PARA A FRONTEIRA ENTRE MISIONES (ARGENTINA) E PARANÁ (BRASIL)

Clóvis Alencar Butzge (UFSC)

Resumo: Este trabalho aborda políticas linguísticas criadas após o advento do Mercosul, que visam instituir o espanhol e o português como línguas de integração nesse bloco regional. Para tanto, buscou-se levantar, sistematizar e analisar documentos legais sobre políticas linguísticas do Mercosul e dos países envolvidos nesta investigação (Argentina e Brasil), além de levantar e sistematizar ações de ensino de português e espanhol na região de fronteira que envolve a província argentina de Misiones e o estado brasileiro do Paraná. É interessante frisar que há nas políticas do Mercosul um apagamento do plurilinguismo regional, ao oficializar, além do guarani, apenas o português e o espanhol e incentivar o ensino dessas últimas duas línguas como de integração nos países do bloco. Partindo-se de uma abordagem crítica de política linguística, observou-se que um olhar ingênuo para as políticas que visam elevar o português e o espanhol a línguas de integração pode sugerir que se está a passos largos rumando para esse objetivo. Porém, as relações internacionais, especialmente em espaço de fronteira, sempre são conflituosas e políticas linguísticas “*top down*” nem sempre conseguem seus objetivos. Seriam, então, as planificações linguísticas ineficientes, ao eleger o ensino de português e espanhol como línguas estrangeiras? É sabido que na área de fronteira Argentina-Brasil há uso do “portunhol” como uma “interlíngua” ou mesmo se opta pelo diálogo poliglota (em que cada falante usa sua língua/dialeto), os quais resultam em “semicomunicação”: assim, seria o ensino do espanhol e do português como língua estrangeira uma gestão “*in vitro*” (CALVET, 2006) das línguas, relegadas a segundo plano pelos falantes, que optam pelas soluções “*in vivo*” (CALVET, 2006), como o portunhol e o diálogo poliglota? Questões como essas, de difícil resposta, mas relevantes para uma reflexão do tema, são abordadas nesta apresentação, a partir de um panorama legal e educacional das línguas portuguesa e espanhola na fronteira Argentina-Brasil.

Palavras- chave: Política linguística; fronteira; espanhol; português; ensino de língua.

A LÍNGUA PORTUGUESA COMO LÍNGUA DE HERANÇA NA PAISAGEM LINGUÍSTICA DE FRAMINGHAM

Marina Jenovencio (UFSC)

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo analisar os usos de placas comerciais que fazem o uso da língua portuguesa em um espaço público e urbano na cidade de Framingham, localizada no estado Massachusetts nos Estados Unidos. Esses usos linguísticos são discutidos à luz de uma perspectiva de Paisagem Linguística, de modo a perceber como a língua constrói o espaço público e urbano, atentando que nenhuma escolha linguística é neutra e isenta de relações de poder. Para esse estudo, portanto, fez-se um levantamento imagético dos estabelecimentos que fazem uso de placas em língua portuguesa. Pela impossibilidade de locomoção ao destino de realização da pesquisa para a coleta dos dados, optou-se por utilizar a internet, mais especificamente o site *Google Maps*, como ferramenta essencial na captura das imagens. A análise da paisagem linguística mostra-se de suma importância, uma vez que a partir dela se pode entender como se dá a relação entre a política linguística e a prática linguística, sobretudo, porque a paisagem linguística pode ser compreendida como uma forma de política linguística implícita. O trabalho está ancorado em Shohamy (2006) no que diz respeito aos estudos de Paisagem Linguística. As discussões apontam para a língua portuguesa atuando nesse contexto como língua de herança e que esse lugar de promoção linguística simboliza uma escolha política que visa demarcar lugares identitários através da língua.

Palavras-chave: Framingham; identidade; língua portuguesa; paisagem linguística.

O CONCEITO DE LÍNGUAS PLURICÊNTRICAS E O ENSINO DE LÍNGUA ALEMÃ: UMA RELAÇÃO (IM)POSSÍVEL?

Juliana de Abreu (UFSC)

Resumo: A língua alemã é uma das mais faladas na Europa, sendo a língua oficial na Alemanha, Áustria, Liechtenstein, co-oficial em Luxemburgo, na Suíça e devido a acontecimentos históricos de disputa territorial, pequena parte da Itália e da Bélgica apresentam a língua alemã como língua oficial regional. No Brasil, a língua alemã é expressiva em diversos estados e alguns municípios apresentam o alemão como língua co-oficial. No estado de Santa Catarina, a língua alemã é ensinada nas escolas, universidades, cursos extracurriculares, escolas de idiomas e por professores particulares. O interesse pela língua alemã, no Brasil, cresceu intensamente nos últimos 15 anos, não apenas pelas ofertas de bolsas de estudos, oportunidades de empregos ou devido aos acordos e as relações diplomáticas bilaterais entre o Brasil e Alemanha, mas também, pelo rompimento de fronteiras e expansão da comunicação via internet, bem como pela movimentação de pessoas que hoje se consideram cidadãos do mundo, abertos a conhecerem e viverem outras culturas e conseqüentemente, outras línguas. Porém, a língua alemã ensinada nas escolas, universidades e cursos de idiomas, é apenas uma variedade da língua, o Hochdeutsch (alemão alto) é considerado a língua padrão (Standardsprache) alemã. Rudolf Muhr defende o alemão como sendo uma língua pluricêntrica, ou seja, disposta em vários centros, pois está presente em diversos países e tem o *status* de língua nesses países. Desse modo, este simpósio visa questionar por que se ensina apenas uma variedade dessa língua, visto que há outras tantas variedades padrão. Além disso, outro questionamento é se essa variedade garante a efetivação da comunicação em todos os países que falam a língua alemã. Para tanto, trazemos um recorte de pesquisa de doutorado sobre tradução de receitas culinárias, nos pares de línguas alemão-português, no qual se propõe uma reflexão acerca dos questionamentos feitos, bem como a respeito do poder de certas variedades em detrimento de outras.

Palavras-chave: Línguas pluricêntricas; língua alemã; ensino de línguas estrangeiras.

GT 04 – LINGUAGEM E
CÉREBRO

OS EFEITOS DO PRIMING SINTÁTICO NO PROCESSAMENTO DE SENTENÇAS: INVESTIGAÇÕES SOBRE A NEUROCOGNIÇÃO DA SINTAXE

Daniela Brito de Jesus (UFSC)

Adriana Rocha Felício (UFSC)

Resumo: A repetição é um aspecto crucial na comunicação humana. As pessoas tendem a repetir palavras, sons e estruturas previamente ouvidas, o que evidencia o caráter recapitulativo da linguagem entre os interlocutores, tanto no processamento (compreensão) quanto na produção linguística. Partindo dessa premissa, o presente projeto visa contribuir para o corpo de estudos sobre o papel facilitador da repetição no processamento da linguagem. Com base nos métodos em Psicolinguística, o objetivo principal é investigar os efeitos de *priming* sintático no processamento estrutural no nível da sentença. Este fenômeno caracteriza-se por uma tendência dos falantes em repetir as próprias estruturas sintáticas e as de seus interlocutores ao longo das sentenças (BOCK, 1986). E, assim, mais especificamente, busca-se analisar o nível de integração entre os sistemas lexical e gramatical em falantes nativos e não-nativos de português brasileiro (PB), além de avaliar se há a influência de um impulso lexical na estrutura das vozes verbais durante o processamento da sentença. O *priming* sintático consolidou-se como um paradigma psicolinguístico de grande interesse na pesquisa em processamento da sentença e em representação mental da sintaxe. Dessa forma, esse projeto busca fomentar a discussão em relação ao nível de integração dos sistemas sintáticos conduzindo pesquisas a nível de mestrado e doutorado. Para as referidas investigações, a metodologia empregada inclui experimentos comportamentais de *priming* unimodal – apenas a modalidade de compreensão leitora – e experimentos eletrofisiológicos de mesmo delineamento para falantes nativos de PB e falantes de PB como L2 e falantes nativos de inglês e falantes de inglês como L2. O paradigma empregado é o de *priming* sintático durante a compreensão em uma tarefa de leitura auto-monitorada e todos os estímulos (sentenças) são apresentados em pares, que consistem na combinação de uma sentença *prime* e uma sentença alvo (sempre voz passiva). Ao ler “O desenho foi feito pela nova artista” após a sentença *prime* “O filme foi visto pela nossa avó” espera-se uma redução no tempo de processamento linguístico de mesma estrutura gramatical. Os resultados têm evidenciado, de maneira geral, o fenômeno de *priming* tanto no nível intralinguístico (na L1) quanto no nível translinguístico (entre L1 e L2). Tais resultados são discutidos à luz da pesquisa voltada a neurocognição da sintaxe em L1 e L2.

Palavras-chave: Priming sintático; processamento da sentença em L1 e L2; psicolinguística experimental; eletrofisiologia da linguagem.

PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO COLABORATIVO E O SEU IMPACTO NO DESEMPENHO DE UMA TAREFA ORAL POR ESTUDANTES DE INGLÊS

Rafael Zaccaron (UFSC)

Resumo: Dentro do debate sobre o estudo de aquisição de segunda língua, as estratégias usadas por estudantes para planejar a execução de tarefas levantam questões pertinentes. O objetivo deste estudo em andamento é investigar o impacto do planejamento estratégico, em grupos e individual, no desempenho de uma tarefa oral executada por estudantes adolescentes de inglês como língua estrangeira. A abordagem de ensino de segunda língua baseada em tarefas tem como princípio o conceito de tarefas que possuem foco no significado (LONG, 1985). Planejamento estratégico, um conceito importante para essa área, é uma ação metacognitiva com vistas a facilitar o processamento da linguagem, que, segundo o modelo de processamento linguístico de Levelt (1989) é complexo e demanda tempo e atenção. D'Ely (2006) menciona que aprendizes a quem é dada a oportunidade de planejar estrategicamente antes de executar uma tarefa podem usar essa oportunidade para re-conceitualizar e auto-monitorar sua fala, o que pode facilitar o processamento linguístico uma vez que certos desafios inerentes à produção linguística podem ser resolvidos durante esse momento. As seguintes hipóteses foram elaboradas: 1) a performance oral do grupo de planejamento colaborativo é mais fluente, precisa, complexa e adequada do que a performance do grupo de planejamento individual; 2) os participantes usam estratégias quando planejam individualmente ou de forma colaborativa. A pesquisa terá como participantes 12 alunos do ensino médio do Colégio de Aplicação da UFSC com idade entre 14 e 16 anos. Os instrumentos serão: duas tarefas monológicas orais – deixar uma mensagem de áudio no aplicativo *Whatsapp* – bem como gravações de áudio da interação dos estudantes. As tarefas serão executadas pelos alunos em duas condições diferentes – em grupo e individualmente. As mensagens de áudio serão analisadas em termos de acurácia, complexidade, fluência e um parâmetro pragmático.

Palavras-chave: Tarefas; planejamento estratégico; trabalho colaborativo.

LEITURA E ALFABETIZAÇÃO: O QUE APRENDI APLICANDO TESTES DE CONSCIÊNCIA FONÊMICA E DE LEITURA

Meirielle Tainara de Souza (UFSC)

Resumo: A presente proposta de comunicação para o GT “Linguagem e Cérebro” tem por objetivo apresentar a coleta de dados e análise quantitativa dos pré-testes de leitura e consciência fonêmica da pesquisa de mestrado intitulada “Leitura e ensino: a relação entre prática docente e o material didático na formação de leitores iniciais”. A pesquisa, em desenvolvimento, tem por objetivo investigar o papel do uso do livro didático na aprendizagem de leitura dos estudantes em processo de alfabetização e se as atividades utilizadas a partir do livro – ou não - influenciam no desempenho em leitura dos mesmos. Para tal, levam-se em consideração os diferentes usos, ou mesmo o não uso do livro didático em sala de aula, proporcionados pelas professoras responsáveis de duas turmas do primeiro ano do ensino fundamental, em duas escolas da rede estadual do estado de Santa Catarina. As hipóteses desta pesquisa são de que: i) o livro desempenha relevante papel na aprendizagem inicial da leitura, evidenciado por meio do desempenho em leitura dos estudantes, desde que sejam selecionadas e trabalhadas, em sala de aula, atividades dele que contemplem a descoberta (ou a apreensão) dos princípios do sistema alfabético do português brasileiro; e ii) diferenças na seleção de atividades do livro didático levarão a diferentes resultados no desempenho em leitura. Os participantes da pesquisa são os estudantes cujos pais assinaram os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido, um total de 25, de duas turmas do primeiro ano do ensino fundamental e as respectivas professoras de turma, incluindo as professoras auxiliares. Após fundamentar teoricamente a pesquisa, o estudo foi constituído pelas seguintes etapas principais: 1) escolha das turmas participantes (primeiro ano do ensino fundamental); 2) aplicação de pré-testes de consciência fonêmica e de leitura; 3) observação escolar; 4) análise do livro didático utilizado pelas turmas; 5) aplicação de pós-teste de consciência fonêmica e leitura; e 6) descrição e análise dos dados. Os resultados de desempenho em leitura serão analisados estatisticamente de acordo com o número de acertos dos pré e pós-testes de consciência fonêmica e de leitura. Nesta comunicação, apresentaremos os resultados parciais do estudo, bem como discutiremos as etapas de construção do método, escolha e aplicação dos pré-testes de consciência fonêmica e leitura, e a relação pesquisadora-escola.

Palavras-chave: Alfabetização; consciência fonêmica; leitura.

GT 05 – LINGUAGEM E USO NO ENSINO E EM OUTROS
CONTEXTOS

A DISCURSIVIZAÇÃO DOS PROJETOS DE RESPOSTAS NOS MANUAIS DO PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA: UM ESTUDO DE LIVROS DIDÁTICOS DO ENSINO MÉDIO

Amanda Maria de Oliveira (UFSC)

Luana de Araujo Huff (UFSC)

Rodrigo Acosta Pereira (UFSC)

Resumo: No presente trabalho, temos como objetivo geral compreender se há, e em caso afirmativo, como se discursiviza, a prática de análise linguística, na perspectiva proposta por Geraldi (1984), nas atividades sugeridas nos livros didáticos distribuídos aos alunos de Língua Portuguesa do Ensino Médio da rede pública de ensino. Para tanto, analisamos como as atividades são discursivizadas nos manuais do professor da referida disciplina e como a antecipação da(s) possibilidade(s) de resposta(s) contribui(em) para um ensino de língua materna/portuguesa de natureza operacional e reflexiva (BRITTO, 1997; GERALDI, 1991). Constituem o universo de análise as atividades presentes nos manuais do professor dos três livros didáticos de Língua Portuguesa mais utilizados no Ensino Médio da rede estadual de ensino de Santa Catarina no ciclo trienal de 2015 a 2017 (FNDE, 2015). As coleções são: “Português Linguagens” (CEREJA; COCHAR, 2013); “Novas Palavras” (AMARAL ET AL; 2013); “Língua Portuguesa: linguagem e interação” (FRACO; MOURA; MARUXO JR.; 2013). Em termos teórico-metodológicos, baseamos (i) na Análise Dialógica do Discurso, e (ii) nas considerações do campo da Linguística Aplicada, principalmente na Linguística Textual, em torno de um ensino da linguagem em uso mediado por textos, de modo a entendermos como as discussões atuais envolvendo a prática de análise linguística reverberam nos livros distribuídos aos professores da Educação Básica do referido estado. Dentro desse panorama, ensino operacional e reflexivo da língua portuguesa, análise linguística e gramática normativa são os conceitos-chave de nossa discussão. Justificamos a relevância desse estudo na medida em que contribui para uma constante reflexão acerca das mudanças que já ocorreram (e nas que ainda precisam acontecer) desde que a proposta de um ensino mais geral, voltado para o desenvolvimento pleno dos cidadãos, passou a ser objetivada pelos documentos que guiam a educação nacional.

Palavras-Chave: Análise linguística; livros didáticos de língua portuguesa; círculo de Bakhtin; educação básica.

PRESSUPOSIÇÕES E A CONSTRUÇÃO DA AUTORIA NA PRODUÇÃO TEXTUAL: DIÁLOGOS ENTRE A SEMÂNTICA E A ANÁLISE LINGUÍSTICA

Lorena Izabel Lima (UFPR)

Resumo: Tendo em vista o já discutido ensino de gramática a serviço da leitura e escrita, como defendem Neves (2011) e os próprios Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), apresentados há quase duas décadas, o trabalho ora proposto tem como objetivo analisar as marcas que sinalizam a (não)construção da autoria na produção escrita de alunos do 9º ano do Ensino Fundamental a partir do exame e mapeamento das Pressuposições Escalares e das pressuposições com verbos de mudança de estado (CHIERCHIA, 2003, SAEED, 2003, CANÇADO, 2013) em um corpus de 29 textos, a fim de traçar possíveis (e profícuos) diálogos entre a Semântica e a Análise Linguística. Aposta-se no fato de que a Semântica oferece bases sólidas de trato com o material linguístico, mas permite também extrapolar a metalinguagem em direção a possibilidades de Análise Linguística (TRAVAGILA, 2011). Parte-se da hipótese de que existem pressuposições prototípicas, construídas no gênero textual produzido, redação escolar dissertativa-argumentativa, que evidenciam movimentos justapostos de negação-afirmação da autoria, nos termos de Possenti (2002), que se encontra ainda em fase de amadurecimento e, portanto, embate. A utilização pelos estudantes de sentenças baseadas insistentemente em estruturas escalares evidencia um domínio ainda precário do gênero discursivo trabalhado. Além disso, as não-pressuposições também foram fenômeno de análise, por meio dos estudos de Saeed (2003) e Ducrot (1987). Indo além dessa constatação, o mapeamento do uso de pressuposições escalares sinaliza para possibilidades de encaminhamentos metodológicos que auxiliem os discentes no amadurecimento de sua escrita por meio de atividades de análise e reflexão linguística, como defendem os Parâmetros Curriculares Nacionais de 1998, bem como as discussões de Travaglia (2009; 2011).

Palavras-chave: Pressuposições; análise linguística; produção de textos; autoria.

A NEGAÇÃO EM REDAÇÕES DE VESTIBULAR COMO RECURSO PERSUASIVO: UMA ANÁLISE POLIFÔNICA PELA PERSPECTIVA DA SEMÂNTICA ARGUMENTATIVA

Giovana Reis Lunardi (UFSC)

Resumo: Este estudo tem por base os aportes teóricos da Semântica Argumentativa, mais especificamente a Teoria da Argumentação da Língua (ADL) e a Teoria dos Blocos Semânticos (TBS) desenvolvidos por Jean-Claude Anscombre e Oswald Ducrot (1994); Oswald Ducrot (1987, 1988, 2002, 2005, 2009); Marion Carel (1997, 2005, 2009); Carel e Ducrot (2005, 2008, 2013). De caráter bibliográfico e descritivo, a pesquisa tem como objetivo geral analisar a construção da argumentação em redações de vestibular (gênero também denominado de dissertação-argumentativa), já avaliadas, por diferentes universidades e pelo Enem, que estão disponíveis na internet. Partimos da premissa de que a negação (polêmica, descritiva e metalinguística) revela a polifonia como um notável recurso argumentativo que constrói o sentido discursivo do texto, no qual o locutor deve assumir e defender um ponto de vista sobre determinado assunto.

Palavras-chave: Negação; polifonia; blocos semânticos; argumentação.

AVALIAR PARA CORRIGIR OU AVALIAR PARA AVANÇAR? CONTRAPONTO DA AVALIAÇÃO ESCOLAR

Ana Carolina Rosa Posuelo de Oliveira (UFSC)

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo analisar a avaliação escolar em língua portuguesa contrapondo duas perspectivas – uma voltada ao diagnóstico da aprendizagem e outra voltada à correção dos erros. Considerando que avaliar é um exercício comum na sala de aula, é interessante questionar o seu caráter ético e à serviço de que concepção de avaliação estamos trabalhando. Tendo em vista que muitas práticas avaliativas em língua portuguesa contemplam a correção, e não a avaliação visando ao diagnóstico (RUIZ, 2010; ANTUNES, 2007), neste trabalho comparo essas duas perspectivas visando compreender as consequências que essas implicam na atividade do professor e na sua concepção de avaliação. Nesse viés, apresento uma proposta de avaliação em língua portuguesa que leva em consideração que os usos da língua se dão imbricados nas práticas sociais, sendo diretamente associados a aspectos do contexto sócio-histórico-cultural. Tendo por base o avanço a partir do diagnóstico, e não a estagnação pela correção, contextualizo a proposta no ambiente escolar na qual ela foi pensada e experienciada e discuto os reflexos que esta teve no contexto específico.

Palavras-chave: Avaliação; correção; diagnóstico; língua portuguesa.

ANÁLISE CRÍTICA DE GÊNERO EM JORNAIS COMUNITÁRIOS DE FLORIANÓPOLIS

Gabriela Rempel (UFSC)

Resumo: Um dos princípios da Análise Crítica de Gênero (ACG) é promover a investigação crítica de gêneros do discurso a fim de elucidar de que maneira os gêneros, como os midiáticos, são mobilizados para legitimar discursos e representações ideológicas, segundo interesses de instituições e grupos (RECHETNICOU; LIMA; BONINI, 2016). Um dos objetivos da ACG é promover a solução de problemas sociais por meio de uma conscientização crítica/libertaria (BONINI, 2010). Guiando-se pelo pensamento da ACG, a intenção deste estudo é investigar a organização de Jornais Comunitários (JCs), dos bairros da cidade de Florianópolis (SC). Pretende-se analisar os gêneros, as seções e as temáticas que se destacam e que estruturam esses JCs e, principalmente, as práticas sócias que os constituem. Por jornalismo comunitário, entende-se aquele que atende às demandas da cidadania e serve como instrumento de mobilização social de dada comunidade (PENA, 2005). Na fase atual da pesquisa, estão sendo coletados jornais de bairros. Até o momento, foram examinados seis exemplares de JCs das regiões norte, centro, sul e continente. Os resultados parciais parecem apontar para dois tipos de jornais: aqueles que se aproximam de mídias comunitárias de mobilização social e/ou aqueles que se aproximam da reprodução de discursos e práticas jornalísticas dominantes/hegemônicas. Almeja-se, após o levantamento e investigação dos JCs, desenvolver uma aproximação entre JC e escola, por meio da prática de Jornais Escolares (JEs). O objetivo será promover um letramento midiático crítico de alunos de uma escola da rede municipal de Florianópolis (a ser definida), através da produção de um JE e da sua relação com JC. Este estudo é parte de uma pesquisa de doutorado que se encontra em seu primeiro ano de elaboração.

Palavras-chave: Análise crítica de gênero; jornais comunitários; jornais escolares; letramento midiático crítico.

LEITURA CRÍTICA E LEITURA DA PALAVRAMUNDO: CAMINHOS POSSÍVEIS A PARTIR DA ANÁLISE CRÍTICA DE GÊNERO

Vanessa Arlésia de Souza Ferretti Soares (UFSC)

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo discutir as possibilidades de “leitura crítica” a partir das noções de leitura enquanto prática social, proveniente da Análise Crítica de Gênero (BAKHTIN, 2003[1952/53]; FAIRCLOUGH, 2001; 2003; FREIRE, 2006[1967]; BONINI, 2010, 2013; FIGUEIREDO; BONINI, 2016; SOARES; BONINI, 2016 etc.), e de leitura da “palavramundo”, a partir das postulações de Paulo Freire (FREIRE, 2006[1967]; 1989). Para tanto, far-se-á i) uma apresentação do que seja a perspectiva teórico-metodológica da Análise Crítica de Gênero; ii) uma discussão acerca da concepção de leitura crítica, fruto da articulação da perspectiva freireana à Análise Crítica de Gênero e, por fim, iii) apresentar-se-á um exemplo de análise de gênero midiático a partir dessas postulações, qual seja, um interprograma denominado *O Sagrado* (Rede Globo/Brasil), entendido (a partir da pesquisa “A série televisiva *O Sagrado* e a prática de publicidade institucional indireta da Rede Globo: uma análise crítica de gêneros”) como uma propaganda institucional indireta. O trabalho se encerra apontando possíveis contribuições dessa discussão para o trabalho de leitura crítica no ensino de Língua(gem).

Palavras-chave: Análise crítica de gênero; leitura crítica; ensino de leitura.

O USO DE TRADUTORES AUTOMÁTICOS NA SALA DE ESPANHOL COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA NO CONTEXTO DE ENSINO MÉDIO DE UM INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO BÁSICA E TECNOLÓGICA

Luiziane da Silva Rosa (IFSC/UFSC)

Resumo: Esta comunicação objetiva mostrar a tentativa de uma professora de espanhol do ensino médio da rede federal de ensino de educação básica e tecnológica em conscientizar seus/suas estudantes sobre o uso dos tradutores automáticos em aula de língua estrangeira considerando a atual sociedade da comunicação e informação onde o seu uso é amplo, mas não mediado. A partir de algumas atividades de reflexão em torno ao uso dessas ferramentas, tendo como pano de fundo os falsos cognatos do espanhol, os/as estudantes puderam experimentar as vantagens e desvantagens tanto em aula de línguas como na língua em uso. O estudo empírico aconteceu nas primeiras fases dos cursos técnicos de Química e Informática do IFSC-Campus Gaspar e visou, de maneira geral, preparar os/as estudantes para o uso consciente dessas ferramentas e explorar suas potencialidades, o que foi alcançado dando oportunidades inclusive de dar sequência às demais atividades. O estudo toma como base as pesquisas sobre letramentos digitais, ou novos letramentos, e as TICs (ROJO, 2013) e sobre gêneros textuais e produção escrita em consonância com o sugerido nas Orientações Curriculares para o Ensino Médio (BRASIL, 2006).

Palavras-chave: Multiletramentos; tradutores automáticos; espanhol como língua estrangeira.

O CURRÍCULO DE ESPANHOL DE PORTO RICO: UMA ABORDAGEM DIALÓGICA

Samarys L. Cruz-Báez (UFSC)

Resumo: Em um contexto político-econômico colonial, no qual as leis federais norte-americanas colocam o governo porto-riquenho numa situação de reforma constante do sistema educativo, os currículos padronizados tem-se voltado o grande alvo das reformas educativas, tanto nos EUA quanto em Porto Rico. Em vista disso, este estudo pretende analisar o currículo de Espanhol do sistema educativo público, com o intuito de desvendar quais os discursos que são materializados nos documentos curriculares. Assim, nasce a seguinte questão de pesquisa: Quais discursos são materializados/veiculados no currículo de Espanhol de Porto Rico enquanto às concepções de linguagem, sujeito e ensino-aprendizagem de LM? Considerando o currículo como configurador das práticas sociais e como objeto dessas práticas (SACRISTÁN, 2000), as quais, por sua vez, se materializam em discursos, por meio de diversas práticas de linguagem, esta investigação se situa na área da LA. Uma vez que a transdisciplinaridade que caracteriza a LA como área de estudos, subsidia o diálogo entre diversos campos do conhecimento que incidem no ensino-aprendizagem de língua materna. Assim, tem-se optado por nos ancorar em um marco teórico-metodológico, enunciativo-discursivo bakhtiniano, desde uma perspectiva sócio-histórica. No entanto, dialogaremos com as Teorias Críticas da educação, entre outras áreas das Ciências Sociais e Humanas, como a Psicologia e a Sociologia. Cabe salientar que, este estudo ainda carece de considerações finais, assim como da delimitação do percurso metodológico a seguir, pois, o projeto de pesquisa em si, está sob construção.

Palavras-chave: Currículo; ensino-aprendizagem de espanhol como língua materna; Porto Rico.

IDENTIDADES LATINAS NO ENSINO DO ESPANHOL: UM OLHAR PARA DIFERENTES FORMAÇÕES

Carlos Rodrigo de Oliveira (UFSC)
Lucimary Gonsalves Bajon (UFSC)
Leandra Cristina de Oliveira (UFSC)

Resumo: Numa era marcada pela fluidez das identidades dos sujeitos e pelo rompimento com identidades fixas e pré-moldadas (HALL, 2003; BAUMAN, 2005), o adjetivo “latino-americano” se confunde entre um sentimento de pertencimento e integração, e uma concepção essencialista. Engajados nessa discussão no âmbito da Linguística Aplicada, propomos uma reflexão sobre a representação das identidades latino-americanas em contextos de ensino-aprendizagem diferentes. Trata-se do olhar para a pedagogia da língua espanhola na Educação Profissional e no Ensino Superior; mais precisamente, para o ensino de espanhol em contexto de formação de profissionais do setor turístico e na formação em Letras, respectivamente. Nosso objetivo é analisar como emergem as questões concernentes às identidades latinas no ensino do espanhol como língua estrangeira nesses contextos, verificando se há um espaço para o diálogo que aponte para a diversidade cultural da América Latina. Esse interesse em compartilhar as mesmas bases teórico-metodológicas no estudo de ambientes distintos se justifica pelo fato de agruparmos pesquisas que se desenvolvem sob uma mesma orientação, no Programa de Pós-Graduação em Linguística/UFSC. As amostras em estudo se constituem (i) do PPC (Projeto Pedagógico de Curso), do documento oficial para a produção de materiais didáticos, do livro “Espanhol para o turismo” (WILDNER; OLIVEIRA, 2014) e (ii) dos Plano de Ensino e materiais digitais da disciplina de Língua Espanhola I do curso de Letras Espanhol – 2ª edição (EaD/UFSC), que se relacionam à Educação Profissional e à Formação em Letras Espanhol, respectivamente. Em fase inicial da pesquisa na Educação profissional, conjecturamos a presença de um olhar mais discreto para a diversidade, tendo em vista o foco no ensino da língua para fins específicos. No que diz respeito ao contexto da formação em Letras, hipotetizamos maior ênfase à diversidade latino-americana, considerando as Diretrizes do Curso de Letras e o Projeto Político Pedagógico que sugerem essa discussão.

Palavras-chave: Identidade; latinidade; ensino de espanhol; educação profissional; ensino superior.

GÊNERO DISCURSIVO E PRÁTICA SOCIAL: A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES NO CONTEXTO DE CUMPRIMENTO DE MEDIDAS SOCIOEDUCATIVAS POR HOMENS QUE PRATICARAM ATOS DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

Vanessa Arlésia de Souza Ferretti Soares (UFSC)

Resumo: O presente trabalho consiste numa proposta de pesquisa que tem por objetivo criar inteligibilidades sobre a relação entre gêneros discursivos, prática social e masculinidades no âmbito de um grupo socioeducativo para homens que praticaram atos de violência contra a mulher. Especificamente, busca-se entender como se dão tais práticas socioeducativas e qual é o papel que os gêneros discursivos assumem na realização dessas práticas e na ressignificação de masculinidades e feminilidades atreladas a esse tipo de violência. Tal entendimento pode contribuir, por um lado, com a pesquisa sobre as relações entre identidades, gêneros discursivos e práticas sociais, e, por outro, com políticas de combate à violência contra a mulher no país. Teoricamente, o estudo articula discussões sobre gênero social e identidade, a partir de Scott (1989), Saffiotti (2001), Castells (2006) entre outros, e estudos que articulam linguagem (na instância do gênero discursivo) e prática social, especificamente as discussões empreendidas no campo da Análise Crítica de Gênero (FAIRCLOUGH, 2001; 2003; BONINI, 2013; SOARES; BONINI, 2016 etc.). Metodologicamente, em articulação com uma releitura da proposta de Chouliaraki e Fairclough (1999), usam-se instrumentos da pesquisa de tipo etnográfico (entrevistas e notas de campo) para uma análise qualitativa e crítica dos dados, quais sejam, as interações (transcritas) dos referidos grupos socioeducativos (MASON, 1998; KINCHELOE; MACLAREN, 2006).

Palavras-chave: gênero discursivo; masculinidades; grupo socioeducativo para homens; violência contra a mulher.

GT 06 – LINGUAGEM E ANÁLISE
LINGUÍSTICA

NOMINALIZAÇÕES EM INFINITIVO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Maurício Resende (UNICAMP)

Resumo: Tradicionalmente “nominalização” tem se referido ao processo morfológico de transformação de verbos em nomes. Na literatura para o português, existem, a rigor, duas operações morfológicas dessa natureza, a saber, a sufixação (fonológica e zero) e a derivação regressiva. No entanto, Resende (2015) levanta a hipótese de que há em português um outro tipo de nominalização, qual seja, a nominalização infinitiva. Essa ideia parte das discussões de Chomsky (1970) – e, posteriormente, Spencer (1991), Brinton (1995) – a respeito das nominalizações gerundivas do inglês. Para Resende, existe um paralelo entre essas nominalizações com gerúndio em inglês (tais como em *the moving of the box*) e as nominalizações com infinitivo em português (como em *o mover da caixa*). O vislumbre de tal paralelismo se dá fundamentalmente por duas razões: (i) nas duas línguas, esse tipo de operação é extremamente regular, fonológica, morfológica, sintática e semanticamente; (ii) trata-se de um processo morfológico disponível, no limite, para qualquer verbo. A partir disso, este trabalho discute essa hipótese, partindo da premissa de que as nominalizações em gerúndio do inglês e as nominalizações em infinitivo do português compartilham um certo número de propriedades, entre elas: a compatibilidade com determinantes e adjetivos e, concomitantemente, a incompatibilidade com advérbios; a preservação da grade argumental da raiz verbal; a derivação semântica composicional das formas nominalizadas. De todo modo, o vislumbre dessa operação morfológica deve ser distanciado das nominalizações por sufixação zero a partir de formas de infinitivo, já lexicalizadas na língua, como em *dever, poder, andar* para o português (cf. BASÍLIO, 1987) assim como ocorre em inglês para alguns nomes em gerúndio – *building* e *drawing* (cf. BRINTON, 1995). Sendo assim, este estudo visa formalizar algumas dessas ideias a respeito das nominalizações em infinitivo ancorando-se na proposta teórica da Morfologia Distribuída (HALLE & MARANTZ, 1993, 1994; MARANTZ, 1997; EMBICK, 2000, 2009).

Palavras-chave: Nominalização infinitiva; nominalização gerundiva; morfologia distribuída.

A SINTAXE DO SUJEITO NAS CONSTRUÇÕES COM ALTERNÂNCIA SINTÁTICA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Lívia de Mello Reis (UFSC)
Sandra Quarezemin (UFSC)

Resumo: O presente estudo tem como tema central a sintaxe do sujeito nas construções com alternância sintática do Português Brasileiro (doravante PB). Assim, o principal objetivo é investigar a estrutura de diferentes construções, sobretudo aquelas que envolvem um constituinte pré-verbal que não é considerado o sujeito lógico/semântico da sentença. Dentre os tipos sentenciais analisados, tem-se: sentenças com verbos psicológicos e fracionamento de dativo; sentenças com inversão locativa; sentenças com verbos inacusativos e fracionamento de sintagma preposicionado; e sentenças copulares invertidas. A hipótese lançada é a de que os constituintes pré-verbais que aparecem nestas construções ocupam uma posição distinta daquela ocupada por sujeitos lógicos/semânticos. Dessa forma, pretende-se investigar se há, de fato, uma divisão dentro do domínio flexional, com diferentes posições para sujeito, em relação a traços distintos relacionados aos constituintes em posição pré-verbal (cf. CARDINALETTI, 2004; 2014). Com relação à metodologia utilizada, tem-se um estudo de cunho teórico, já que será realizada uma revisão bibliográfica dos estudos já existentes na área. A pesquisa está assentada na abordagem cartográfica que apresenta vastos estudos das posições destinadas ao sujeito (cf. BELLETTI e RIZZI, 1988; CARDINALETTI, 2004, 2007, 2011, 2014; RIZZI, 2006; RIZZI e SHLOSKY, 2007; BELLETTI, 2004, 2008, 2014). A partir dos dados do PB analisados, considera-se que, nas sentenças com alternância sintática, o elemento pré-verbal não pode ser considerado um sujeito com traço nominativo, mas um sujeito da predicação.

Palavras-chave: Alternância sintática; sujeito; português brasileiro.

A ORIENTAÇÃO DO MODAL DEÔNTICO PODER SIGNIFICANDO PERMISSÃO EM DIFERENTES CONSTRUÇÕES: UMA EVIDÊNCIA DOS DEÔNTICOS *OUGHT-TO-BE*

Carla Verônica D'Amato de Souza (UFSC)

Resumo: As propostas de Kratzer (1981, 2012) e de Cinque (1999, 2006) têm sido referência no estudo de auxiliares modais. Essas propostas diferem, fundamentalmente, em relação a considerar tais núcleos como polissêmicos ou ambíguos. A proposta de Hacquard (2006) vai na direção de conciliar essas visões, postulando que um modal como 'poder' tem apenas uma entrada lexical, no entanto, pode receber diferentes interpretações, tendo seu sentido especificado a partir da posição em que é interpretado na sentença. Os epistêmicos correspondem a modais altos, que acessam o ato de fala e são orientados para o falante; já os deônticos são modais baixos, que acessam o evento principal e são orientados para o sujeito da sentença. Pires de Oliveira e Rech (no prelo), com base em trabalhos como os de Feldmann (1986) e Brennan (1993), constataram que o modal deôntico 'deve' pode ser interpretado em diferentes posições na sentença, podendo acessar tanto o evento principal (VP) quanto o ato de fala. No primeiro caso, é orientado para o sujeito da sentença; e no segundo, para o interlocutor. Para essas autoras, o modal deôntico precisa checar o traço agentividade [+Ag] com um dos participantes do evento sobre o qual o modal opera. Com base nesta proposta, neste trabalho, analisamos a orientação do modal poder em contextos inergativos, transitivos e inacusativos; analisamos também, sentenças em que o modal 'poder' figura em sequências com outro núcleo funcional modal. A principal hipótese é de que a interpretação deôntica de permissão só pode recair sobre o sujeito da sentença se houver um participante agentivo no evento encaixado, caso contrário, recairá sobre o interlocutor, correspondendo, assim, a um deôntico alto, em que 'pode' admite interpretação de permissão apenas se esta recair sobre o interlocutor. Os resultados parciais sugerem que o predicado encaixado exerce influência sobre a orientação do modal.

Palavras-chave: Orientação do modal; deôntico de permissão; predicado encaixado; núcleos funcionais.

ESTUDO DE PREPOSIÇÕES: UMA INTERFACE ENTRE SEMÂNTICA LEXICAL E COGNITIVA

Daiana do Amaral Jeremias (UFSC)

Resumo: Este trabalho tem como objetivo fazer uma correlação entre as classificações dadas às preposições ‘de’ e ‘para’ no português brasileiro com a divisão categorial em campos semânticos das relações de significados estabelecidos por essas duas preposições. Através de uma perspectiva lexical cognitiva, as preposições são itens polissêmicos ligados a uma rede de significados, no qual diferentes relações de sentidos são equivalentes a projeções metafóricas, ou mesmo sobreposições de um significado mais básico, a saber, o espacial (JACKENDOFF, 1983). Nessa proposta, a preposição tem função de localizar espacialmente uma figura em um objeto de referência e, nesse processo de localização, o complemento se torna o argumento da própria preposição, atribuindo um significado específico. Ao estabelecer relações de localização, as preposições ‘de’ e ‘para’ podem ser interpretadas como ponto de origem e meta, respectivamente, correspondendo a metáforas de um campo semântico de trajetória. Nele, os significados, ou seja, as projeções metafóricas, são sobreposições de um campo espacial prototípico. Com essa proposta, acreditamos que é possível estabelecer uma organização conceitual através da correlação dos significados que essas duas preposições atribuem aos seus argumentos com campos semânticos específicos, pois se acredita que as preposições ‘de’ e ‘para’ passaram por um processo de expansão de significados, indo da noção de base espacial para outras noções, tais como tempo, finalidade e outras (ILARI *et al.* 2012). Para tanto, nossa pesquisa baseou-se em análises de sentenças do português brasileiro que permitissem uma interpretação polissêmica e metafórica no emprego dessas duas preposições.

Palavras-chave: Preposições; metáfora; campos semânticos; semântica cognitiva lexical.

OS CLÍTICOS E AS CONSTRUÇÕES COM *CLITIC DISLOCATION* EM LÍNGUAS NEOLATINAS

Luciano de Oliveira (UFSC)

Resumo: Os clíticos (ou pronomes pessoais átonos) são elementos que podem indicar, dentre outros constituintes, argumentos internos do verbo. No entanto, eles não apresentam o mesmo comportamento que os DPs (ou PPs) que recebem o papel temático atribuído pelo verbo, o que se deve principalmente ao fato de os clíticos não ocuparem a mesma posição sintática que aqueles constituintes. Este trabalho de revisão bibliográfica visa, inicialmente, a apresentação dos sistemas de pronomes pessoais em línguas neolatinas (dentre elas o português brasileiro, o italiano, o espanhol e o francês, dando ênfase aos clíticos) e a caracterização da categoria dos clíticos como núcleos em sua projeção sintática (podendo ser localizados dentro de IP, da mesma forma como o fazem as desinências verbais, de acordo com a Sintaxe Gerativa). Em seguida, é apresentado o fenômeno de *Clitic Dislocation* (ou Redobro do Clítico) nas línguas supracitadas e uma comparação destas estruturas em cada uma destas línguas. Hipotetiza-se que a presença ou a ausência dos clíticos nestas construções podem, dependendo da língua considerada, criar estruturas com topicalização ou focalização de termos, ou ainda dar origem a estruturas agramaticais, como ocorre frequentemente com a língua espanhola, em que a realização fonética do clítico e do elemento correferencial a este tende a ser mais frequente do que nas demais línguas em análise neste trabalho.

Palavras-chave: Sintaxe gerativa; clíticos; clitic dislocation; línguas neolatinas; português brasileiro.

O POSICIONAMENTO DOS CLÍTICOS EM SENTENÇAS COM PERÍFRASES VERBAIS DE MODALIDADE NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Juliana Regina da Silva (UFSC)

Resumo: O estudo da sintaxe dos clíticos tem sido um dos fenômenos linguísticos de alteração mais representativos na língua portuguesa. A análise da colocação pronominal dos clíticos em sentenças com único verbo e com grupos verbais é recorrente nos estudos linguísticos e constitui uma das características mais marcantes para análise da posição e do movimento do objeto na sentença. Diversos estudos apresentam restrições no alçamento dos clíticos em perífrases verbais no português brasileiro. Em busca de compreender a posição dos clíticos em sentenças com grupos verbais, fez-se necessário delimitar o tipo de predicado presente na sentença. O objetivo deste trabalho é analisar o comportamento sintático dos clíticos em perífrases verbais com predicados funcionais, os modais. A hipótese considera que em sentenças com grupos verbais, com base em Cyrino (1993), não há o favorecimento na subida dos clíticos ou no movimento longo do objeto com verbos de reestruturação. Com base na proposta de Rizzi (1982), Rech (2011), Uriagereka (1992), Galves (2002), entre outros, pretende-se analisar a posição favorecida pelos clíticos nas sentenças, como em *se pode investigar* (cl v1 v2) *pode investigar-se* (v1 v2-cl). A análise leva em conta qual a natureza do modal e quais relações podem estar associadas na construção de estruturas com clíticos à esquerda ou direita do verbo modal, no modelo teórico metodológico do gerativismo.

Palavras-chave: clíticos; modais; gerativismo.

IDEOFONES DO CHANGANA NA PERSPECTIVA DA LINGUÍSTICA COGNITIVA: UMA ANÁLISE BASEADA EM SEMÂNTICA DE FRAMES

Ezra Alberto Chambal Nhampoca (UFSC/ Universidade Eduardo Mondlane)

Resumo: O presente trabalho debruça-se sobre um conjunto de palavras, pouco conhecidas, os ideofones da língua Changana. O Changana é uma das línguas Bantu mais faladas em Moçambique. Os ideofones foram definidos pela primeira vez por Doke (1935), como sendo a associação entre um determinado som, cor, estado, dor, intensidade, etc. e a conseqüente reação na mente do indivíduo. Desde então, várias definições surgiram, inspiradas na de Doke (1935). Porém, elas se mostram muito gerais e não distinguem claramente os ideofones de palavras de outras categorias na língua, uma vez que se aplicam a qualquer signo. Tencionamos buscar uma definição e caracterização mais precisa dos ideofones, portanto, nosso trabalho objetiva discutir o significado dos ideofones, com base na Semântica de Frames, recorrendo à plataforma *FrameNet* (https://framenet.icsi.berkeley.edu/fndrupal/framenet_search). Elegemos a Semântica de Frames porque ela fornece um modo particular de se olhar para o significado das palavras, que tem como característica principal a observação e análise das experiências que resultam da contínua interação com o mundo (FILLMORE, 1982). Os dados analisados foram extraídos de dois instrumentos lexicográficos: uma base de dados de ideofones do Changana, elaborada durante a nossa pesquisa de mestrado e o dicionário Changana-Português de Siteo (2012), elaborado com a nossa colaboração. Como referenciais teóricos, destacamos: Fillmore (1982), Pires (2010), Moura (2012), Ferrari (2014), Siteo (2012), Ngunga (2004), Nhampoca (2009, 2010 e 2016), entre outros. Preliminarmente, concluímos que a Semântica de Frames auxiliou na elaboração de uma definição e análise mais eficaz. Propomos que ideofone seja uma palavra marcada, que desempenha a função predicadora e que realça de forma marcada, uma ação ou um evento. Os ideofones marcam cenas intensas em situações específicas na língua. Atuam como predicadores marcados, focalizando mais os elementos não nucleares do frame.

Palavras-chave: Changana; ideofones; Moçambique, semântica de frames.

CLIVADAS E PSEUDO-CLIVADAS: UM PANORAMA DE ANÁLISES EM TORNO DE SENTENÇAS DE FOCO MARCADO

Damaris Matias Silveira (UFSC)

Resumo: As sentenças designadas para focalizar constituintes sintáticos, as clivadas e pseudo-clivadas, apresentam um campo fecundo para análise, diante da complexidade de sua estrutura, da disponibilidade de recursos para o encaminhamento de estudos do estado-da-arte atual, através da revisão literária e experimentos, até o estudo diacrônico, com o apoio da pesquisa em corpus histórico. Além disso, as clivadas apresentam um fenômeno com análises em aberto, isto é, ainda há características do licenciamento de tais sentenças que carecem de maiores especulações. No campo da diacronia, em especial, não há numerosos estudos em torno das sentenças de foco marcado na sintaxe, podemos citar, entretanto, trabalhos importantes como Kato e Ribeiro (2005, 2006) e Kato (2009) que tratam, sobretudo, do panorama do aparecimento de tais sentenças, da gramaticalização envolvendo sua estrutura e de restrições de seu licenciamento em determinadas gramáticas. Em Silveira (2014), entretanto, critico tal panorama e, a partir daí, proponho que há motivações nas línguas que favorecem ou não a escolha das clivadas como estratégia de focalização. A partir desse trabalho, portanto, percebemos outras qualidades das sentenças clivadas, bem como questões em torno dessas sentenças que se interligam. Proponho portanto, uma análise em torno das características gramaticais relacionadas às clivadas, desde a diacronia, onde reforço um novo panorama de emergência para as clivadas, além de discussões em torno da gramaticalização envolvendo tais sentenças, até o estado-da-arte atual, o que envolve também questões relacionadas à aquisição de clivadas e pseudo-clivadas no português.

Palavras-chave: clivadas; pseudo-clivadas; diacronia; gramaticalização; aquisição.

AS PREPOSIÇÕES E SEU PAPEL NA CATEGORIZAÇÃO DE OBJETOS: UMA ANÁLISE INTERLINGUÍSTICA PORTUGUÊS-ESPAANHOL

Lucas Mario Dacuña Badaracco (UFSC)

Resumo: Neste trabalho, analisa-se o uso de partículas preposicionais em relatos de falantes do português brasileiro (PB) e do espanhol uruguaio (EU). O objetivo é investigar as semelhanças e as diferenças entre os dois grupos quanto ao tipo e a quantidade de preposições espaciais empregadas na descrição de cenários. O embasamento teórico centra-se nas propostas de Rosch (1975; 1978) e Lakoff (1980; 1987). Para coletar os dados, mostraram-se gravuras contendo cenas que os informantes deveriam relatar verbalmente. As gravuras contêm 10 cenários habitados pela mesma personagem. Neles, um menino interage com os objetos à sua volta de modo diferente: ora o faz de modo convencional (imagens prototípicas), ora de modo não convencional (imagens não prototípicas). Os resultados sugerem haver relação entre as preposições espaciais escolhidas e a prototipicidade das gravuras. A frequência maior de preposições em contextos atípicos indicaria que, neles, os falantes se sentem influenciados a fornecer mais detalhes sobre a situação. Além disso, houve discrepâncias no nível semântico. Nos falantes do PB, das preposições usadas em cenas não prototípicas, o tipo mais recorrente foi *sobre*, seguido de *em cima de* e *em*. Das usadas em cenas prototípicas, o tipo mais recorrente foi *em*, seguido de *sobre*. Nos falantes do EU, das preposições usadas em cenas não prototípicas, os tipos mais recorrentes foram *sobre* e *encima de/ arriba de*, seguidos de *en*. Das preposições usadas em cenas prototípicas, o tipo mais recorrente foi *en*, seguido de *encima de/ arriba de*. Postula-se, assim, a hipótese de que a natureza do contexto exerce certa influência, uma vez que houve diferenças na frequência de uso e no tipo preferido de preposições utilizadas. Enquanto em cenas prototípicas preferem-se preposições não marcadas, de sentido global ou polissêmico (SLOBIN, 1996); em cenas não prototípicas, preferem-se preposições marcadas, de sentido restrito.

Palavras-chave: Preposições; categorização; prototipicidade; experiencialismo.

PROSÓDIA DA FALA, PROSÓDIA VISUAL E SINTAXE DO FOCO EM PORTUGUÊS BRASILEIRO – UM ESTUDO EXPERIMENTAL

Daise Ribeiro Pereira Carpes (UFSC)

Resumo: Nesta comunicação, vamos apresentar os primeiros resultados de experimentos conduzidos para uma pesquisa na interface entre sintaxe e prosódia. Essa pesquisa tem como objetivo estudar e descrever padrões da prosódia da fala e da prosódia visual, além de questões sintáticas sobre o fenômeno de focalização no português brasileiro (PB). De modo geral, a literatura descreve duas categorias de foco: amplo e estreito (FROTA, 2000; LAMBRECHT, 1994). O foco estreito é subdividido em diferentes categorias, classificadas pelos traços [+/- exaustivo] e [+/- contrastivo] (KISS, 1998; MIOTO, 2003; MENUZZI, 2012). Do ponto de vista discursivo, o foco tem funções pragmáticas ou semânticas definidas nas línguas naturais, como veicular a informação não pressuposta de uma sentença (MORAES, 2006; QUAREZEMIN, 2009). O foco de uma sentença seria definido como a informação assumida pelo falante como não compartilhada entre ele e o ouvinte, e a pressuposição seria a informação compartilhada entre o falante e o ouvinte (JACKENDOFF, 1972; ZUBIZARRETA, 1998). O foco é visto ainda como um recurso que o falante usa para dar destaque a um trecho do seu enunciado ao qual deseja que o ouvinte dê atenção especial (KLEIN, 2003; MENUZZI, 2012). Do ponto de vista prosódico, quando uma sentença apresenta elementos focalizados, tais elementos exibem proeminências prosódicas/entoacionais (ROOTH, 1997). Já do ponto de vista sintático, postula-se que a focalização envolve um tipo de quantificação em que o foco vincula uma variável e o constituinte é considerado foco se for movido para a posição Spec de FocP (MIOTO, 2003). A prosódia visual entra neste estudo para nos ajudar a investigar a hipótese de que a prosódia do foco é marcada não só na fala, mas também nas expressões faciais e corporais do falante. Apresentaremos os resultados preliminares dos experimentos-piloto, que estão em fase de coleta e análise dos dados.

Palavras-chave: Foco; interface; sintaxe; prosódia.

O MASCULINO GENÉRICO SOB UMA PERSPECTIVA SÓCIO-COGNITIVA

Guilherme Ribeiro Colaço Mäder (UFSC)

Resumo: O masculino genérico pode ser caracterizado como o uso do gênero gramatical masculino para denotar o gênero humano (homens e/ou mulheres), e é tradicionalmente explicado pelo conceito de gênero não marcado. Porém, esta explicação contém alguns problemas, dentre eles: 1) nem sempre é o masculino que é usado genericamente; 2) estudos experimentais em Psicolinguística indicam que o masculino favorece uma interpretação masculina do referente, mesmo quando o masculino parece ser usado genericamente; e 3) em alguns contextos é simplesmente impossível fazer uma leitura genérica a partir do masculino. Relacionada a esses problemas, há a importante questão social do apagamento das mulheres no discurso, apontado por muitas autoras e alguns autores, e da interpretação do gênero gramatical masculino como genérico ou específico segundo os interesses políticos de quem domina o discurso. Assim, considerando a inadequação do conceito de gênero não marcado na descrição do masculino genérico, proponho a sua substituição por um conceito de “gênero prototípico”. Resumidamente, o gênero masculino seria considerado cognitivamente mais saliente do que o feminino, tanto por causa de representações e práticas culturais que privilegiam o masculino quanto por causa da frequência de uso do gênero gramatical masculino. O masculino, por esses motivos, seria empregado em muitos casos para representar metonimicamente a categoria dos seres humanos como um todo, e através desse processo metonímico, evidenciar-se-iam os efeitos prototípicos que são identificados como o uso do masculino genérico. Uma vantagem deste novo modelo proposto, além de ser mais cognitivamente realista, seria a de ser sensível ao contexto extralinguístico, pelo qual pode ser não o masculino, mas o feminino utilizado genericamente, em determinados contextos, a depender dos elementos trazidos pelo *frame* evocado pelo item lexical em questão. A metodologia adotada até o momento é a análise crítica da literatura sobre o assunto e o recurso a *corpora* já existentes.

Palavras-chave: Masculino genérico; modelos metonímicos; efeitos prototípicos.

DECLARATIVAS OU EXCLAMATIVAS?: UMA SONDAÇÃO SOBRE CONTEXTOS ESPECÍFICOS NO DISCURSO DE SERGIPANOS

Vanessa Gonzaga Nunes (UFSC)

Resumo: Diz-se que as sentenças declarativas ou assertivas, acusticamente, se caracterizam por movimento melódico descendente na última sílaba da palavra independentemente do seu padrão acentual. Segundo Moraes e Abraçado (2005), tais sentenças apresentam em região de ataque, ou seja, início de sentença, f0 em um nível médio, até a sílaba pré-tônica final. A partir da tônica, tem-se um movimento melódico descendente, atingindo um nível baixo, que se mantém, ou que ainda desce ligeiramente sobre eventuais sílabas pós-tônicas. Inúmeros estudos apresentam notação L% para posição final de declarativas para diversas línguas (SOSA, 2009; MORAES; COLAMARCO, 2007; GURLEKIAN; TOLEDO, 2008), o que demonstra que o final descendente é consenso entre os pesquisadores. Já as exclamativas são controversas. De acordo com Fonagy (1993), as exclamativas são modalidades que exprimem “uma forte emoção no locutor (geralmente o espanto, a admiração, ou, ao contrário, a indignação)”, como em “Que mulher!” e revelam que este tipo de construção apresenta um morfema determinado, no caso “que”. No entanto, exclamativas de outras configurações sintáticas já foram descritas acusticamente, como as *Small Clauses Livres*, estudadas por Zendron da Cunha (2016). Uma vez que as exclamativas, do ponto de vista sintático, têm proximidades com interrogativas, alguns estudos investigam o comportamento acústico de ambas as modalidades, buscando suas semelhanças e/ou diferenças (ZANUTTINI; PORTNER, 2003; ZENDRON DA CUNHA, 2015; 2016). O presente estudo faz uma sondagem para iniciar uma investigação acústica sobre a natureza de sentenças produzidas por sergipanos e que ora podem ser consideradas declarativas, ora exclamativas. Trata-se de um levantamento de dados que indaga sobre sentenças que não têm motivação para serem exclamativas, mas que, de oitiva, parecem ter semelhanças acústicas e aparentam ter pressuposição de factividade ou implicatura semântica.

Palavras-chave: Declarativas; exclamativas; falar sergipano.

GT 07 – LINGUAGEM E
FEMINISMOS

A VOZ ESQUECIDA: REPRESENTAÇÃO DE MULHERES NO ROMANCE INÉDITO DE JORGE AMADO E A INVISIBILIDADE DAS MULHERES NA LITERATURA

Thalita da Silva Coelho (UFSC)

Resumo: Todos os documentos que compuseram a vida política, literária e pessoal de Jorge Amado foram deixados com uma amiga comunista em Montevideu, em 1942. Desde então, a militante Rosa esteve guardando uma mala com os documentos; antes de falecer deixou-a sob os cuidados da filha, professora Leonor Scliar Cabral (UFSC). Em 2012, a professora Tânia recebeu como doação à UFSC a mala metafórica que guardava todos os arquivos referentes ao autoexílio. Apesar de levar o nome do escritor baiano, o arquivo possui rastro marcante de mulheres: não só as pesquisadoras (bolsistas PIBIC, mestrandas e doutorandas) são mulheres, mas as guardiãs desse material por mais de 70 anos foram mãe e filha, comprometidas com um passado militante que guardou a história literária e política do Brasil; os rastros materiais de comunistas, poetas, jornalistas e escritoras desenham a história de mulheres apagadas dos registros históricos, esquecidas. Durante os dois anos de autoexílio, Jorge Amado escreveu abundantemente, e entre uma biografia de líder comunista, poemas sobre a Bahia e o mar e palestras sobre a literatura brasileira estava o romance inédito, prometido por Jorge Amado em entrevistas, mas jamais publicado. Com uma narrativa intimista, o enredo nos apresenta um grupo de militantes, às vésperas de um levante, reunidos numa casa ao redor de um aparelho de rádio, aguardando o sinal para o início, uma tempestade ao fundo. Entre uma maioria de personagens masculinos estão as mulheres da história. O objetivo de meu trabalho é, além de analisar brevemente a história e sua narrativa, entender o papel e a construção das personagens mulheres desse romance inédito contido no Acervo Jorge Amado 1941 – 1942, bem como refletir sobre a invisibilidade das mulheres na história literária.

Palavras-chave: Mulheres; representação; Jorge Amado; feminismo.

ELAS DIZEM: LITERATURA E FEMINISMOS NA ESCOLA

Rafaella Machado (UFSC)

Resumo: Com o objetivo de dar visibilidade a autoras e questões femininas e feministas nas aulas de Literatura e Língua Portuguesa, ao longo de um trimestre foram discutidas temáticas que abordavam situações cotidianas, focando na desconstrução e conscientização acerca do machismo que perpassa pelo currículo escolar de Ensino Médio. O que foi iniciado, de maneira tímida, como debate em sala de aula tomou os corredores e, por fim, toda a escola. Autoras como Simone de Beauvoir, Chimamanda, Flora Nwapa, Nadine Gordimer, Abena Busia, Paulina Chiziane, Ana Paula Tavares, Hilda Twongyeirwe, Rose Marie Muraro, Conceição Evaristo, Nana Queiroz, Alice Walker, Nélide Piñon e Carolina Maria de Jesus foram as "norteadoras" dos trabalhos feitos por estudantes dos primeiros e segundos anos de Ensino Médio, de uma escola particular de Florianópolis. Estes trabalhos culminaram, em julho de 2016, em uma Feira Literária, intitulada "Elas dizem!", que contou com a colaboração de muitas professoras e professores, estudantes e toda comunidade escolar. Os debates e reflexões, porém, são (e serão) continuados em sala de aula e, se espera, que além dos muros da escola.

Palavras-chave: Feminismo na escola; literatura e ensino; literatura feminina; literatura feminista; literatura africana.

DEPRESSÕES: A REPRESENTAÇÃO DOS MARGINALIZADOS. UMA ABORDAGEM NÃO ESPECISTA

Dóris Lutz (UFSC)

Resumo: A presente comunicação visa uma leitura feminista e antiespecista do conto *Niederungen* (1984) da autora romena Herta Müller, publicado no Brasil com o título *Depressões* (2010), tradução de Ingrid Ani Assmann. Busca-se, primeiramente, observar a representação dos maus tratos aos animais, a marginalização dos “Outros” e o tratamento dado aos segregados em *Depressões* por meio de uma análise narratológica do conto. A análise delimita-se, sobretudo, ao tratamento dado às personagens femininas, com especial enfoque na narradora-protagonista, a qual se identifica e se compara constantemente aos animais. Objetiva-se construir uma ponte entre as recentes discussões pós-humanistas, que repensam as fronteiras entre ser humano e não humano, e as percepções que surgem a partir da leitura da obra escolhida, à luz dessa temática. Para tanto, será realizada uma breve explanação do termo “especismo” – desprezo às singularidades das espécies para além da humana – e sua semelhança com outras formas de opressão, tais como o sexismo e o racismo. Tomando-se a hierarquização do valor da vida, nota-se que o zelo pela vida de alguns humanos é elevado, em detrimento de outras vidas humanas, que têm seus interesses ignorados e desrespeitados, o que acontece também com os interesses das espécies não humanas. Procura-se oferecer, portanto, uma apreciação do conto em questão sob um ângulo que preze a igual consideração dos seres vulneráveis, passíveis de serem prejudicados e/ou beneficiados.

Palavras-chave: Estudos literários; depressões; Herta Müller; antiespecismo; pós-humanismo.

TRÍADE AUTORAL FEMININA EM VASTO MAR DE SARGAÇOS: FEMINISMO, LITERATURA E TRADUÇÃO COMO SUBVERSÃO

Naylane Araújo Matos (UFSC)

Resumo: Este trabalho tem o objetivo de abordar a tríade autoral feminina em *Vasto Mar de Sargaços*. Tal obra, é um romance escrito pela escritora dominicana Jean Rhys, conhecido pela inter e hipertextualidade (GENETTE, 1997) que estabelece com o romance colonial do século XIX, *Jane Eyre* da escritora Charlotte Brontë, e por possibilitar discussões em áreas de estudos pós-coloniais e feministas. No Brasil, a tradução feita por Léa Viveiros de Castro é publicada em 2012, pela editora Rocco. Este trabalho tem cunho bibliográfico (SEVERINO, 2007) e se embasa nas teorias da tradução feminista e da crítica literária feminista para análise do *corpus*, composto pelo hipotexto (GENETTE, 1997) *Jane Eyre* (1847), o hipertexto (GENETTE, 1997) *Wide Sargasso Sea* (1966) e a tradução brasileira *Vasto Mar de Sargaços* (2016). Buscamos salientar quão importante as experiências das mulheres escritoras têm sido para sua produção literária, bem como refletir sobre o modo como se constrói o cenário das limitações no âmbito da produção artística das mulheres e como as vivências e variáveis femininas contribuem para gerar diferenciações importantes para a criação e transmissão da sua literatura. Este trabalho aponta para a comunhão entre os estudos tradutórios e feministas, e como a tradução e literatura escrita por mulheres encontraram na linguagem uma possibilidade de subversão de uma base excludente que as inferioriza(va) em suas hierarquias. Desse modo, ambos podem ser apresentados como ferramentas para uma compreensão crítica da diferença existente na realidade social, representada por meio da linguagem (SIMON, 2005).

Palavras-chave: Feminismo; literatura; tradução; subversão.

MOVIMENTOS FEMINISTAS E DIREITOS DOS ANIMAIS: DIÁLOGOS POSSÍVEIS

Ana Luiza Bazzo da Rosa (UFSC)

Resumo: Este trabalho dedica-se a analisar campanhas promovidas pelo *People for the Ethical Treatment of Animals* (PETA), organização não governamental em defesa dos direitos dos animais, bem como outras representações culturais que reforçam os aspectos simbólicos que interseccionam o especismo e a lógica patriarcal, segundo a qual é justificável a exploração da natureza e de determinados sujeitos (humanos e não humanos). Em “A política sexual da carne” (1990), Carol Adams discorre acerca da relação existente entre a opressão sofrida pelas mulheres e pelos animais não humanos, sobretudo pelas fêmeas destas espécies. Segundo a autora, é o mesmo processo político e simbólico que transforma em comestível o corpo dos animais e em sexualizado o corpo das mulheres, dentro da mesma lógica de dominação. Apesar da relação intrínseca entre estas formas de dominação e subjugação, o diálogo entre especismo e misoginia ainda encontra resistência dentro de grande parte do movimento e das teorias feministas. Por outro lado, organizações em defesa dos animais, como o PETA, tem incorporado diversas táticas machistas e violentas para promover o veganismo e os direitos dos animais, quais sejam, por exemplo, a nudez e a objetificação sexual dos corpos femininos, reafirmando um sistema que transforma em consumíveis as mulheres e os animais. É de extrema importância, portanto, que o movimento em defesa dos animais adote uma perspectiva feminista, sem a qual pode não ser possível a libertação do paradigma de violência e dominação que estrutura a sociedade. Os feminismos contemporâneos, por sua vez, precisam colocar-se fora do antropocentrismo, considerando as teorias pelos direitos dos animais, uma vez que tanto a violência cometida contra as mulheres quanto a exploração dos animais não humanos são formas de dominação imbricadas uma na outra.

Palavras-chave: Feminismo; especismo; direito dos animais.

GT 08 – LINGUAGEM SOB OUTRAS
PERSPECTIVAS

IYAHRIC: DESCOLONIZANDO A LANGUAGE OF THE MASTER

Felipe Neis Araujo (UFSC)

Resumo: Nesta comunicação eu exploro o movimento descolonialista operado através dos usos da linguagem entre rastafaris jamaicanos. Na visão rastafári, o idioma inglês foi utilizado pelo colonizador como uma ferramenta de batalha, de subjugação. O processo de tradução cultural que os Rastas fazem da língua inglesa consiste num processo de reflexão sobre as lógicas de dominação do idioma colonial; é uma práxis poética e política que busca conhecer e superar as lógicas de dominação através de um idioma. Não se trata de uma simplificação do idioma britânico e nem de uma corrupção dele, mas sim da fabricação de um outro idioma que se encontra continuamente em construção, estabelecendo relações e conflitos com a língua inglesa e que serve de campo de reflexões acerca das lógicas históricas de dominação na sociedade jamaicana e ao redor do mundo. Este exercício de desconstrução rastafári evoca uma das potências da traduzibilidade das palavras. Re-traduzir uma língua elegendo outros critérios para performá-la, critérios diferentes daqueles eleitos pelos esforços coloniais, é uma forma de questionar a legitimidade da linguagem oficial.

Palavras-Chave: Rastafari; linguagem; descolonização; tradução cultural.

CONFLITOS IRLANDESES NA POESIA DE YEATS: REPRESENTAÇÕES DO LEVANTE DA PÁScoa EM “PÁScoa, 1916”

Leide Daiane de A. Oliveira (UFSC)

Resumo: O objetivo deste trabalho é apresentar a análise do poema “Easter 1916” do escritor irlandês William Butler Yeats. Neste artigo foi utilizada a tradução do poema para a língua portuguesa feita por Paulo Vizioli com o título de “Páscoa, 1916”, publicada em 1992. Este poema de Yeats foi escrito semanas depois do Levante da Páscoa, revolução armada realizada por professores, poetas e escritores, entre outros. O Levante teve como principal objetivo a obtenção da liberdade para a Irlanda, uma vez que esta ainda estava sob o domínio britânico. Este episódio foi um divisor de águas na história da Irlanda, embora o seu resultado tenha parecido desastroso à primeira vista, se tornou a inspiração para as ações seguintes na busca pela liberdade. Muitos escritores e poetas escreveram a esse respeito. A análise deste poema teve a finalidade de suscitar uma discussão mais aprofundada sobre o Levante de Páscoa, na tentativa de entender suas implicações na história da Irlanda. Tal discussão foi realizada sempre a partir de indicações presentes no poema, pondo em evidência a estreita relação da literatura, aqui especificamente a poesia, com a história. Além disso, há uma reflexão a respeito do papel do poeta na sociedade. No caso específico de Yeats, que conhecia alguns dos líderes do Levante, pareceu importante observar como estas pessoas foram representadas e imortalizadas em seus versos.

Palavras-chave: Poesia; Yeats; crítica literária; história.

ANÁLISE DA OBRA SKYMAP (1969) DE TRISHA BROWN

Giovana Beatriz Manrique Ursini (UFSC)

Resumo: Na contemporaneidade, a arte da dança passou por transformações que ajudaram na construção de novas maneiras de se enxergar um espetáculo de dança. Trisha Brown foi uma das coreógrafas responsáveis por essas modificações. Suas experimentações questionaram as convenções clássicas e ajudaram na construção de sua marca própria na arte dançante. A apresentação proposta vai analisar uma obra dessa artista que foi intitulada *Skymap*. Nesse trabalho de Brown, uma coreografia com palavras é desenvolvida para traçar um mapa estelar dos Estados Unidos. A discussão principal deste estudo é de mostrar como uma linguagem não verbal (a dança) foi traduzida para uma outra materialidade (o texto escrito), processo que se relaciona com a ideia de tradução intersemiótica pesquisada por Plaza (2003). Para fortalecer essa análise, os métodos utilizados nesse deslocamento serão exemplificados e estudados, entre eles, a personificação das palavras, procedimento que transferiu as funções do bailarino em um espetáculo para as palavras em um texto escrito. Outro debate que será apresentado é a causa dessa transposição, que foi a de explorar um novo local para a dança (o céu). Será discutido, então, o espaço na dança. Segundo Banes (1973), a questão espacial foi modificada e bastante explorada pelos coreógrafos pós-modernos. A conclusão da análise é que Trisha Brown consegue explorar através de *Skymap* duas indagações importantes da dança contemporânea. São elas: (i) o que é dança? E (ii) qual o limite do espaço da dança? Por fim, Eleey (2008) será utilizado para dar base à contextualização da obra de Trisha Brown.

Palavras-chave: Dança contemporânea; Trisha Brown; tradução intersemiótica.

O PAPEL DA TRADUTORA EM UM ROMANCE PÓS-COLONIAL: UMA CRÍTICA DE TRADUÇÃO DE HIBISCO ROXO

Leide Daiane de A. Oliveira (UFSC)

Naylane Araújo Matos (UFSC)

Resumo: Este trabalho tem o objetivo de apresentar uma crítica da tradução brasileira de *Purple Hibiscus*. A única tradução desta obra para o português do Brasil foi feita por Júlia Romeu, com o título literal de Hibisco Roxo, publicada em 2011, pela editora Companhia das Letras. *Purple Hibiscus*, originalmente publicado em 2003, é o primeiro romance da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, autora conhecida pelo posicionamento feminista e pós-colonial. Hibisco Roxo exerce o papel de denúncia e possibilita uma reflexão sobre os efeitos do colonialismo na Nigéria. Por meio de sua obra, Chimamanda reescreve uma história, reconstruindo um passado que outrora fora representado de modo estereotipado pelo colonizador. Nesse viés, pensando nas imagens que o/a tradutor/a constrói de uma determinada obra (LEFEVERE, 1992), visamos analisar como Júlia Romeu representa e dá ou não continuidade à proposta pós-colonial da autora nigeriana. Embora, conforme aponta Hermans (2014), muitos estudos de tradução tenham meramente demonstrado inadequações nas traduções em relação às excelências dos originais, buscamos, por meio do cotejo entre as obras, refletir sobre o papel da tradutora e suas escolhas linguísticas, uma vez que consideramos que a tradutora pode exercer o papel de interferência e produzir novos significados do texto traduzido (ARROJO, 1996).

Palavras-chave: Crítica de tradução; pós-colonialismo; subversão.

OFICINA

01

INTRODUÇÃO À FILOSOFIA DA CIÊNCIA

Lauro de Matos Nunes Filho (UFSC)
Kherian Galvão Cesar Gracher (UFSC)
Félix Flores Pinheiro (UFSC)
Raoni Wohnrath Arroyo (UFSC)

Resumo: Esta oficina teve por objetivo fazer uma breve introdução à Filosofia da Ciência, explorando os seguintes tópicos: 1) O que é uma teoria científica; 2) Métodos de raciocínio: dedução, indução, abdução; 3) O conceito de verdade em Ciência; e 4) Evolução do conhecimento científico: falseacionismo e revoluções científicas.

OFICINA

02

VAMOS FALAR SOBRE O QUÉBEC?

Sara Farias da Silva (UFSC)

Resumo: O Québec, parte francófona do Canadá, uma Nação ou província pertencente ao Canadá – a depender da perspectiva política que se escolhe¹ –, é uma referência no que diz respeito às políticas linguísticas pois, mesmo estando localizada dentro de um território majoritariamente anglófono, após a década de 60, com a *Révolution Tranquille*², consolida as demandas de um povo que se reclama *québécois*, tornando o francês sua língua oficial (BOUCHARD; 1999 et REY; 2008). Nesse período, a língua francesa, ou melhor, o francês *québécois*, reafirma sua identidade dentro desse espaço. Segundo Martel e Pâquet (2010, p.11), a língua constitui uma questão importante na *prise de parole citoyenne*. Essa, é defendida pelos autores como: “*La langue constitue aussi un enjeu importante de la prise de parole citoyenne. Cette prise de parole citoyenne cherche à habiliter les individus au sein de l’espace public*”³. São vozes que reclamam seus objetivos e direitos e participam de forma ativa no conjunto da comunidade política. Nesse sentido, falar sobre a história do Québec, é falar sobre a relação entre língua e política, visto que elas estão entrelaçadas, de forma mais sólida e legal, a partir da *Révolution Tranquille*. Para compreender um pouco mais sobre a história do Québec e o papel que a língua exerceu nessa conquista territorial, política e linguística se faz necessário, então, (i) proporcionar, através dessa oficina, um panorama sobre a situação geopolítica, histórica e linguística do Québec, a partir de ferramentas virtuais (vídeos, filmes, sites e etc.), assim como, (ii) apresentar, de forma crítica, as estratégias e táticas, tanto na esfera linguística quanto em outras esferas, que o *Gouvernement Québécois* criou e implementou frente à situação eminente do desaparecimento de uma nação, de uma identidade, de uma língua e, por que não, de um poder. Afinal, a língua francesa na América do Norte esteve à serviço de uma afirmação de direitos e

¹ CORBO. C et BERTHIAUME. Guy: La Révolution Tranquille en Héritage (2011). Livro impresso. Ed. Boréal.

²A *Révolution Tranquille* foi um movimento de afirmação de uma identidade vivida pelos francófonos no Canadá. Foi a partir desse movimento que a língua – francês- tornou-se língua oficial do Québec. Ocorreu também, nesse período, um movimento de independência do Québec em relação ao Canadá Anglófono. O movimento separatista contou com a presença do presidente francês Charles de Gaulle. Não houve essa separação territorial, porém, houve uma separação linguística que até hoje perpetua no Québec e no Canadá. O Québec é, oficialmente, um território francófono onde a língua oficial da comunicação e do trabalho se faz em francês. Mais informações em: CORBO. C et BERTHIAUME. Guy: La Révolution Tranquille en Héritage (2011). Livro impresso. Ed. Boréal

³*La prise de parole citoyenne* pode ser compreendida como a consciência do falante em relação aos seus direitos, ou seja, o sujeito tem voz no meio público. Esta *prise de parole citoyenne* permite que os indivíduos se façam ouvir dentro de um espaço público (Tradução Nossa).

da consolidação de uma nação, ou, subjacente a esse serviço, a língua foi usada e permanece sendo, também, para uma conquista política e conseqüentemente, uma conquista por mais poder(es).

OFICINA

03

FOCO, CONCENTRAÇÃO, (AUTO) CONFIANÇA

Prof. Markus J. Weininger (UFSC)

Resumo: Oficina com exercícios respiratórios e psicofísicos de *yoga* combinados com técnicas acrobáticas que ajudam a combater o estresse, melhorar o foco e a confiança em si e nos outros. Traga roupa confortável, um coração aberto, muita disposição e dois kg de alegria não-perecível!

.

OFICINA

04

“A ARTE DE FAZER BOM USO DE MAUS DADOS”: O TRATAMENTO DO MATERIAL HISTÓRICO NA PESQUISA (SOCIO)LINGUÍSTICA

Cecília Augusta Vieira Pinto (UFSC)
Christiane Maria Nunes de Souza (UFSC)

Resumo: Aqueles/as que se dedicam à pesquisa em (Socio)Linguística Histórica normalmente precisam manipular materiais escritos – comumente chamados também de *materiais históricos*. Esses materiais, embora tragam em si informações valiosas acerca dos usos linguísticos e da configuração social de outras épocas, apresentam tantas fragilidades que são rotulados por William Labov como “maus dados”. Para o sociolinguista estadunidense, a Linguística Histórica poderia ser definida, então, como “a arte de fazer bom uso de maus dados” (LABOV, 1994, p. 11). De acordo com Conde Silvestre (2007), as fragilidades dos materiais históricos decorrem, entre outros fatores, de seu isolamento – é comum que se encontrem produções escritas destacadas de um conjunto maior de textos do qual são apenas uma pequena parte –, de seu caráter geralmente “aristocrático” – grande parte do material histórico que se constitui como *corpus* de pesquisa foi produzida por homens brancos, letrados e abastados, restando poucos registros de outros grupos sociais –, e da desvinculação entre essas produções e a realidade linguística de determinada época – muitos gêneros textuais se distanciam do vernáculo (estilo em que um menor grau de atenção é prestado à fala), e aqueles que mais se aproximam dele, como cartas pessoais e peças teatrais, não são tão facilmente encontrados. Outro desafio enfrentado pelos/as pesquisadores/as é o de reconstruir o contexto sócio-histórico mais amplo desses textos, assim como as condições de produção mais específicas desses materiais. As pistas para a reconstrução estão em muitos lugares, desde livros de História até o conteúdo semântico do próprio material histórico, mas são necessárias certas organização e sistematização desses textos para que essas pistas sejam mais facilmente identificadas. Uma vez coletados os materiais históricos, é preciso arranjá-los de modo que venham a se constituir como um *corpus* adequado à pesquisa em (Socio)Linguística Histórica. Para tanto, a digitalização, a transcrição, a revisão, a edição e a disponibilização dessas produções são etapas comuns nos projetos comprometidos com a formação de *corpora*. A proposta desta oficina abarca duas frentes: (i) uma de natureza teórica, em que se busca olhar para o material e os dados históricos e perceber como dialogam com a Sociolinguística de vertente laboviana/quantitativa; e (ii) outra de caráter prático, na qual são explorados recursos de coleta (onde encontrar material, quais instrumentos e equipamentos são necessários) e técnicas de transcrição, revisão, edição e disponibilização de materiais históricos, levando em conta

especialmente o protocolo do Projeto Para a História do Português Brasileiro (PHPB).

OFICINA

05

TEORIAS DA CONFIRMAÇÃO E O “ESTILO GALILEANO”: UM PERCURSO EPISTEMOLÓGICO PELA TEORIA GERATIVA

Giuseppe Varaschin (UFSC)

Resumo: Um aspecto notório da obra linguística de Chomsky é a lucidez na formulação das bases epistemológicas e conceituais que a sustentam. Compreender, em sua integridade, o projeto de linguística mentalista encarnado pelo gerativismo chomskiano envolve, portanto, muito mais do que o domínio das ferramentas técnicas que lhe dão o nome de formalista e das hipóteses que lhe dão o nome de inatista. Para um entendimento mais pleno desse programa de pesquisa celebrado, convém conhecer a filosofia da ciência em que ele se baseia e o papel que essa concepção altamente peculiar de ciência cumpriu na definição dos rumos da teoria gerativa. A filosofia da ciência adotada por Chomsky se insere em uma longa tradição de discussões epistemológicas que remontam, pelo menos, ao início do século XX. Parecem ser relevantes, sobretudo, as questões relativas ao problema da confirmação empírica de teorias (i.e. ao papel que os dados devem ter na avaliação de hipóteses). Tais debates se iniciam, de uma forma mais autoconsciente, com o indutivismo (mais ou menos ingênuo) dos positivistas lógicos, passam pelo falsificacionismo popperiano, e culminam com o projeto holista de Quine (cf. DUTRA, 2009). Essas etapas do pensamento sobre a ciência serão brevemente examinadas, a fim de localizar as ideias de Chomsky em um panorama com que ele dialoga e que ajuda a dar sentido às posições por vezes excêntricas que ele assume na teoria linguística. A concepção própria de Chomsky parece se definir pelo que ele chamou de “estilo galileano”, isto é, a ideia de que o cientista deve atribuir um “grau de realidade mais alto” ao objeto idealizado que ele constrói, segundo um princípio natural de simplicidade e perfeição, do que ao mundo caótico dos dados (CHOMSKY, 2006, p.121; LOPES DA SILVA, 2000). A história dos modelos gerativistas, desde a década de 1950 até hoje, pode ser compreendida como uma série sucessiva de tentativas de radicalizar esse impulso em direção a uma concepção “perfeita” da faculdade da linguagem (cf. NUNES, 2008; CULICOVER, 2014).

OFICINA

06

LÍNGUAS BANTU DE MOÇAMBIQUE E O “CONVÍVIO” COM O PORTUGUÊS

Ezra Alberto Chambal NHAMPOCA (UFSC/
Universidade Eduardo Mondlane – Moçambique)

Resumo: Moçambique é um país localizado na zona austral do continente africano. É um país multilíngue e multicultural, como sucede com a maioria dos países africanos. As características acima descritas conferem ao país uma diversidade cultural e linguística, sendo a diversidade linguística de Moçambique uma das suas principais características socioculturais. O acervo linguístico de Moçambique é formado por línguas de origem bantu, europeia, asiática e algumas línguas do Oriente Médio, sendo as de origem bantu a maioria e as mais faladas, uma vez que a maioria dos moçambicanos é bilíngue, trilingue ou mais, no contexto das línguas Bantu (LB) moçambicanas. De acordo com Ngunga (2012), dependendo dos vários pontos de vista, o número das LB moçambicanas varia de 9 a 43 línguas. Atualmente, segundo Ngunga e Faquir (2011), 80% dos moçambicanos têm como língua materna uma LB. Apesar disso, por várias razões, o Português é atualmente a única língua oficial do país, adotado como língua de unidade nacional durante a preparação e decurso da luta armada de libertação nacional (1962-1974) e, posteriormente, como língua oficial quando da independência em 1975. Neste contexto, tendo em conta que a maioria dos moçambicanos, no seu dia-a-dia, usa as LB, se observa que elas coexistem e convivem intensamente com o Português. Esse cenário de convívio motiva, também, a emergência de interferências de várias ordens. No presente trabalho, pretendo trazer alguns exemplos dessas interferências tanto nas LB de Moçambique, como no Português de Moçambique (PM). Foca-se o âmbito das interferências linguísticas, com destaque à criação neológica em ambos sistemas (ex.: neologismos semânticos, empréstimos e outros). Para a realização deste trabalho, usei uma breve pesquisa bibliográfica, bem como o agrupamento de dados produzidos no âmbito de dois projetos de pesquisa lexicológica/lexicográfica, nos quais participei como investigadora nos últimos seis anos. Os dois projetos mencionados objetivam recolher e analisar as unidades lexicais resultantes da convivência das LB com o PM no território moçambicano. As implicações dessas reflexões para a educação pública em Moçambique serão debatidas e problematizadas.

OFICINA

07

O DESTINO DE MULHERES LÉSBICAS NA FICÇÃO

Ana Luiza Bazzo da Rosa (UFSC)

Thalita da Silva Coelho (UFSC)

Resumo: A marginalização cultural, política, social e econômica das mulheres e a escolarização que tardiamente lhes foi permitida foram fatores que, ao longo da história, impediram as mulheres de se emancipar intelectual e profissionalmente e de se tornar criadoras de obras culturais e artísticas, sobretudo até o século XX. Em “Um quarto todo seu” (1929), Virginia Woolf discorre sobre as dificuldades encontradas pelas mulheres para escrever e publicar literatura dentro de uma tradição literária e editorial dominada pelo patriarcado. A autora ainda sinaliza que, apesar de não lhes ser conferida voz, as mulheres “são talvez o animal mais debatido do universo” (WOOLF, 2014, p. 43). Se as mulheres até meados do século XX pouco publicavam, é correto afirmar que tais narrativas foram escritas por homens – romancistas, ensaístas, poetas – ou seja, os destinos das mulheres na ficção foram traçados por um único olhar – o do dominante. Nesta oficina, pretende-se debater sobre a representação das personagens femininas na ficção, sobretudo das lésbicas, consideradas transgressoras e desviantes por não corresponderem ao padrão heteronormativo e submisso imposto às mulheres. O destino destas mulheres, salvo poucas exceções, era (e ainda é) punitivo, geralmente levando-a à morte, e purificador, libertando-a de seus “pecados”. Serão trabalhadas narrativas ficcionais que abordam a vivência lésbica, se discutindo invisibilidades, representações e consequências destas obras na formação da identidade de suas interlocutoras. Está prevista para a oficina uma atividade de criação literária, cuja proposta é reescrever o final de narrativas escolhidas pelos/as participantes, a fim de proporcionar um novo destino a personagens que pouco “feliz” tiveram em seus finais.

MESA-REDONDA

01

LINGUAGEM E VIDA: OLHARES DO “FAZER LINGUÍSTICA”

Dra. Vanessa Gonzaga Nunes (UFS)

Resumo: Esta mesa redonda teve o objetivo de oferecer uma reflexão sobre práticas de pesquisa e vida, por meio da história pessoal e profissional da professora Dra. Vanessa Gonzaga Nunes (UFS), no caso eu. Nesse sentido, o SINPEL, Seminário integrado de Pesquisas em Linguística, está na sua oitava edição e segue cumprindo o papel de integrar docentes, mestrandos e doutorandos do PPGLg da UFSC. O evento promove as áreas que compõem a linguística no seio da graduação e divulga as pesquisas à comunidade acadêmica. Para além, é uma ótima oportunidade de desenvolver nos pós-graduandos o senso de organização de eventos. Ou seja, o SINPEL pode ser uma escola preparatória para a vida profissional acadêmica e um importante momento de trocas. Desde 2009 acompanho os seminários, ora apenas como participante e apresentando trabalhos, ora também colocando a mão na massa como parte integrante da comissão organizadora. Em 2018, comemoro 20 anos de UFSC e durante os anos de graduação e pós-graduação nesta instituição, ocupei espaços diversos que foram me constituindo aos poucos e me formaram – ainda que eu esteja em constante reconstrução – a profissional que sou hoje. Do Jornalismo pulei para o Francês. Concluí meu doutorado em Prosódia do Português e, por experiência, me sinto especializada em Educação a Distância e Formação de Professores. Quando fui convidada para participar da abertura do SINPEL 2016, voltei no tempo, pude reviver a trajetória do meu “fazer linguística” e me dei conta que vinte anos é uma vida. E eu teria vivido essa vida? Conforme consta em “A Cidade e as Serras” de Eça de Queirós, três grandes atos definem o homem: plantar uma árvore, ter um filho e escrever um livro. E, nesta ordem pensei que viveria a minha vida. A Educação a Distância da UFSC trouxe muito mais do que experiência em uma docência até então inusitada. Em 2008, saiu a primeira edição do livro Fonética e Fonologia do Português. E de lá para cá, publicamos mais quatro títulos. Mas, entre um livro e outro, entre noites de estudo não dormidas e muitas horas de trabalho em vários setores da universidade, eis que planto uma araucária vinda de Urubici. Em 2013, o sonho de se tornar professora universitária se realiza e com a minha primeira orientada de pós-graduação, um novo ciclo se inicia. O trabalho “Quando o falar sergipano influencia na escrita: estratégias para depreender diferenças entre a escrita e a oralidade através do jogo Batalha Nasal”, leva a fonética para onde eu queria, para a sala de aula. Em 2017, tive um filho e a certeza que viver é se reciclar sempre, é se adaptar aos novos contextos, é aproveitar as oportunidades, mesmo que elas pareçam estar fora da ordem natural das coisas.

MESA-REDONDA

02

A PRODUÇÃO TEXTUAL NA UNIVERSIDADE: DISCUSSÕES TEÓRICO-PRÁTICAS DA ESCRITA NA, PARA E ALÉM DA ACADEMIA

Janaína Senem (UFSC)
Prof. Dr. Sandro Braga (UFSC)

Resumo: Nesta mesa, apresentamos uma reflexão acerca dos modos de o sujeito ocupar a posição de autor na escrita acadêmica a partir de sua participação no Laboratório de Leitura e Escrita Acadêmica (LABEAL/UFSC). Com esse intuito, partimos dos pressupostos teóricos da Análise de Discurso de vertente francesa, mais especificamente dos trabalhos de Pêcheux (1988) e Orlandi (1996; 2013), para compreender como o sujeito se inscreve, enquanto autor, em uma escrita que visa a “objetividade”, ainda que esta não passe de uma ilusão. Trata-se da apresentação de alguns resultados obtidos na pesquisa de dissertação para o Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina. Desse modo, analisamos a escrita e reescrita de resenhas produzidas no Laboratório de Leitura e Escrita Acadêmica tendo em vista as mudanças que ocorrem da primeira para a segunda escrita no que concerne à autoria nessas produções. No gesto analítico, por ora empreendido, investe-se em mostrar como o processo de escrita na academia é determinado pelo Discurso Científico (DC) e pelo Discurso Acadêmico (DA) de modo que o sujeito opera em seu dizer de forma a se inscrever nesses discursos, almejando um efeito de objetividade. Nesse processo, em busca da objetividade, o sujeito procura se constituir assumindo diferentes posições, conforme as condições de produção, e tentando se situar no entre-meio aceitável (possível de ser dito) que configura a função-autor na universidade.

REFLEXÕES SOBRE A PRÁXIS NA DISCIPLINA DE PRODUÇÃO TEXTUAL ACADÊMICA (PTA)

Josa Coelho Irigoite (UFSC)

Resumo: Esta comunicação teve como objetivo (re)pensar e (re)discutir a disciplina de Produção Textual Acadêmica (PTA) a partir de bases teórico-epistemológicas do ideário histórico-cultural. Partindo, assim, das concepções de “sujeito” como historicizado, constituído na alteridade (com base em BAKHTIN, 2010 [1924/25]); de “língua” como “instrumento psicológico de mediação simbólica” (com base em VIGOTSKI, 2006 [1968]); e das ações de leitura e produção textual como “encontro” entre a “outra palavra e a palavra outra” (com base em PONZIO), resgatam-se as implicações da proposta de ensino operacional-reflexivo da língua (FRANCHI; GERALDI, 1991) nos processos de ensino e aprendizagem dos gêneros do discurso acadêmicos, objetos de ensino (em tese) dessa disciplina específica. Apontam-se, ainda, alguns desafios institucionais e da prática docente, tendo por base algumas pesquisas desenvolvidas no “Núcleo de Estudos em Linguística Aplicada” (Nela/UFSC), bem como as experiências da proponente como revisora de textos e professora de PTA. Os apontamentos indicam uma necessidade de elaboração didática (HALTHÉ, 2008 [1998]) a fim de contemplar as vivências dos alunos e suas fragilidades dentro da esfera acadêmica, de forma a incidir sobre elas; além da necessidade de ressignificar a disciplina de PTA no decorrer do curso de Graduação. Para tanto, conclui-se com a defesa em tomar os gêneros como instrumentos semióticos instituidores das interações humanas, tendo como finalidade dessa disciplina apropriações de usos da escrita para/na atuação profissional específica de cada curso, o que requer, entre outras implicações: explicitar o papel da “língua” em facultar relações intersubjetivas; ensinar as regularidades dos gêneros, mas reiterando sua flexibilidade constitutiva; e discutir/trabalhar ações de leitura e produção textual com foco na prática.